

coelho de Moraes

**o acaso
pensamento
memória
a repetição**

coleção ensaio

*Direitos de Cópia para
Cecília Bacci & Guilherme Giordano
ceciliabaccibscm@yahoo.com.br
menuraiz@hotmail.com*

EDITORA ALTERNATIVAMENTE
produtoresindependentes@yahoo.com.br
TIRAGEM 8000 POR E-MAIL

DOWNLOAD EXCLUSIVO
<http://www.paginadeideias.com.br>
Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa
COELHO DE MORAES
coelhomoraes@terra.com.br

**O ACASO
PENSAMENTO
MEMÓRIA
A REPETIÇÃO**

Mococa, São Paulo
2011

COELHO DE MORAES

Dedico este trabalho a
ROSE BRAGA
esposa sensível que sempre atende e apóia as minhas absurdas invenções

GUILHERME GIORDANO e CECILIA BACCI
inteligentes, talentosos e personalíssimos filhos

ARIEL MIRANDA
a neta que chegou há um ano e dois meses para dar inspiração e deixar a
família em estado de graça provando que a repetição continuada faz a
perfeição

a meus pais
JOSÉ COELHO DE MORAES (in memoriam) e
THEREZINHA ANTONIA GIORDANO DE MORAES
sempre esperançosos e sempre dispostos. A origem.

a meus irmãos
JOSÉ LUIZ e MARCIA MARÍLIA
que de longe observam e participam toda essa movimentação

às sobrinhas
DAYA GIBELI e ALICE VALÉRIO
Sobrinhas/afilhadas: uma nefelibata, a outra realista

Especial agradecimento
a
TONIMAR DEPINTOR (coordenador)
GISLAINE DEPINTOR (apoio)
que pacientemente contornaram todos os problemas técnicos e administrativos
e se dispuseram a dar suporte incondicional à jornada acadêmica
e nos últimos meses
MÁRGARA BIANCHESI

e aos professores
JOSÉ CANDIDO CARVALHO (diretor)
MENOTTI BORRI (tutor)
pela clara visão do que era possível e do que era impossível fazer
pondo-se à disposição para que o acadêmico seguisse em frente

a todos esses sucesso vida longa e prosperidade

A Música, o Teatro, as Artes, a Filosofia,
são perigosas e tempestivas terapias da alma.
Não sobrevive quem é pequeno.
(paráfrase da frase de ANTONIN ARTAUD, 1927)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a escalada do ser humano em sua história sobre a Terra, a formação das formas possíveis de pensamento e linguajar, avaliando a escalada histórico-biológica como fator de dependência do ser humano à natureza como requisito para a manutenção do equilíbrio. Este trabalho tenta mostrar também que a construção da razão é concomitante à rede de associações e símbolos que foram construídos, num sistema de adequação que se inicia na alvorada da humanidade até sua morte. Num processo de acasos e repetições os caminhos mais adequados se vão abrindo, possíveis padrões se vão estabelecendo, e, aquilo que parece ser ordem nada mais é do que estado limitado de ação no novo ambiente. A imobilidade do sistema dá-nos idéia de organização. O ser humano se limita a processos de respostas a estímulos internos e externos. Para finalizar, seguiremos as idéias de Garcia-Roza e Paul Churchland além de aspectos da biologia contemporânea e os estudos sobre Inteligência Artificial - IA - com intuito de tecer o mais claro possível o volume de idéias que sustentará esta proposição.

Palavras-chave: acaso, repetição, aprendizagem, seleção, adequação.

This study aims to examine the rise of human beings in their history on earth, so the formation of thought and language, evaluating the historical and biological escalation factor dependence of human nature as a requirement for maintaining balance. This paper also attempts to show that construction of the reason is concomitant to the network of associations and symbols that were built into a system of fitness that begins at the dawn of mankind until his death. In a process of chance and repetitions optimal paths are opening up, it will establish possible patterns, and what appears to be order is nothing more than limited state action in the new environment. The immobility of the system gives us an idea of organization. The human being is limited to cases of responses to internal and external stimuli. To finish, we will follow the ideas of Garcia-Roza and Paul Churchland besides aspects of contemporary biology and studies on Artificial Intelligence - AI - aiming to make as clear as possible the volume of ideas that will sustain this proposition.

Keywords: random, repetition, learning, selection and suitability.

INTRODUÇÃO

De como trataremos dos efeitos das repetições de eventos que surgem ao acaso ou, no menos, de tempos em tempos não previsíveis pela observação humana; trataremos também da repetição do padrão cognoscível na formação daquilo que se tomou por chamar de RAZÃO ou LOGOS, em direta confluência com as necessidades biológicas do ser vivo, humano, na sua jornada de vida e interferência sobre a Terra; supomos, então, que toda a construção futura (conceituada como Pensamento, Psique, Memória, Ideação, Intencionalidade) é o resultado final da totalidade das respostas, inicialmente biológicas (desde o estado embrionário e antes até) que o Humano reflete para se manter vivo; trataremos da adequação desse conjunto soma/psique durante o processo de construção da linguagem, da tecnologia, da civilização e construção do projeto Linguagem/Pensamento à luz dos paradigmas da cibernética e informática que ora nos dão exemplo de possibilidades nesse sentido, através da neurociência - sem dualidades, - num sentido exclusivamente físico/biológico.

Peço permissão a Freud para dizer que tal artigo usa palavras e conceitos possíveis dentro do limite de nossa linguagem e que o modelo oferecido é o modelo que hoje temos à mão para explicar o tema estudado.

O artigo visa mostrar que o pensamento humano é produto da sua organicidade biológica, nada mais do que isso, e, não oriundo de entidade externa que se ajusta ao aparato somático, ou surge alhures; que não há a segunda substância além do físico, descartando assim a dualidade platônica, dessa forma não admitiremos, também, a dualidade alma/corpo cartesiana; adotaremos a máquina humana do mesmo Descartes, o autômato processador de dados. Pensamos assim por que acreditamos que, como todos os seres vivos, o Humano vem operando sobre o planeta contra as mesmas forças que age sobre qualquer outro ser vivo e está à mercê dos acontecimentos furtivos. E que, como qualquer outro ser vivo, o Humano se transforma e muda ao longo do tempo. Sofre mutações imperceptíveis, muita vez, porém, mutações decisivas. Dessas mutações resulta um novo posicionamento frente às forças que o acometem e com ele interagem o que muda também o modo humano de atuar.

Claramente dotado, hoje, de um poder de interferência sem igual em função da tecnologia complexa que usa, - além da percepção do resultado futuro dessa interferência, - vemos que o Humano atuou e atua sobre o orbe terrestre e constrói e destrói civilizações. Afirmamos que a civilização não é obra maravilhosa da inteligência humana, mas sim, obra quase que obrigatória, compensatória e possível. Compensatória pois tenta re/organizar o que foi des/organizado pelo próprio Humano quando passou a interferir incontrolavelmente na PHÝSIS (aquí tomada como a totalidade da matéria/energia que é o universo; um tecido volumétrico de matéria/energia onde todos os corpos, - que lhe são continuidade, - estão inter/relacionados em suas várias categorias e graduação de frequência).

O Humano passou a buscar caminhos que mantivessem o equilíbrio. Ações tentaram e tentam compensar o equilíbrio perdido. Não em ação consciente mas por resposta a forças naturais que o pressionam para a morte. Tais ações passaram a obrigatórias pois o Humano precisava instintivamente sobreviver, sua biologia manda seguir em frente, estimulado pelos aspectos das pulsões de vida de origem puramente biológicas. O Humano se dirige para a morte mas tenta se afastar dela (assim lhe cobra a biologia). Ao mesmo tempo, enquanto reage e dotado de habilidades capazes, interfere na PHÝSIS. Percebe que a morte é inexorável.

Não havendo tal reação e dessa forma (reação necessária e única) o Humano não sobreviveria. Não sobreviveria por que o Humano deixou de se manter em equilíbrio com a natureza, repetimos. O seu processo de desenvolvimento, ao acaso, o põe como corpo estranho no tecido universal. Uma espécie de câncer na malha cósmica. Este corpo deve ser extirpado.

A criação da civilização, mesmo que não intencional, foi um modo, tosco, de recompor o equilíbrio, e isso se fez/faz de maneira precária. A Resultante é que o processo civilizatório, a longo prazo, destrói mais do que recria o equilíbrio pois não há como captar as nuances de que a Natureza é capaz para produzir. A curto prazo dá a impressão de feito grandioso, dono de símbolos e significados poéticos extremados. Mesmo assim o Humano defende este ponto de vista da grandiosidade e glória, superestimado pela poesia e pela arte, pois sabe que não vive mais do a média de 70 anos e após isso, pouco se lhe dá o resultado. Estará morto. Enquanto isso fará de tudo para se manter no controle da civilização que criou, cada grupamento defendendo sua glória pessoal ou a glória do clã, deixando de lado qualquer atitude necessária para parar, breçar, obstar o que ainda chama de progresso, pois dali aufere lucros e confortos que nada mais são do que microcosmos. A destruição, para manter a vaidade, é uma constante.

Quem não tem lucro e conforto pretende ter e isso é dado de formação (formatação?) que a civilização incute nos Humanos em nível de programação desde a mais tenra idade.

De modo geral esse produto da evolução (não evolução do inferior para o superior, mas evolução no sentido de trilhar o devir), o humano trilha e constrói a saga sobre a Terra, entre medo e sofrimento pois nada sabe do que virá. Intuí e percebe. Mergulhado, sempre, em angústia. Não apenas o leve desespero de Moravia (que seria benéfico e criativo) mas um brutal desespero. Um ser castrado na sociedade que construiu. A mãe/civilização, seu berço e colo, castrado na infância da civilização, no começo dos tempos, sofreu auto-castração imposta para construir o ordenado mundo civilizado; afirmamos assim, partindo do ponto em que se percebe que os limites do corpo estão aquém dos limites do desejo (entendo desejo como a resposta possível às forças que estimulam o Humano), ou melhor, o Humano deseja mais do que o corpo consegue responder. E isso gera angústia, ansiedade, sensação de incompetência, de medo. É na angustia inconsciente de castração onde brotarão medos, fobias e sintomas diversos, que nos interrogam no plano consciente, são apenas mecanismos de defesa contra a emergência desta angustia que nos funda e nos é insuportável. O ciclo torna-ser vicioso. Tais estímulos nos fazem agir mais intensamente sobre o mundo. Palavras de ordem são lançadas, com o advento da linguagem e seu poder de persuasão; diremos mesmo que cegamente. Tendo o Humano construído um mundo com leis e diretrizes e linguajares alheios á sua determinação biológica, parte do princípio de que tais leis e diretrizes são boas e corretas. Leis atreladas aos que controlam e comandam, certamente, para esses, as leis e as modas são boas. Mas, elas interferem com o caminho da Natureza, no equilíbrio que a PHÝSIS tentar manter por si. Tomam caminhos díspares.

Apesar de usarmos termos que misturam conceitos Freudianos e Behavioristas, o estudo behaviorista só pode aparecer depois que o complexo humano se estabeleceu. Mas é reflexo do desenvolvimento embriológico. Em termos de resposta a estímulos aceitaremos, primeiro, que o Humano primitivo (mesmo antes disso) não é mais do que aglomerado biológico equipado de poderoso sistema neuronal que responde, sim, a estímulos externos; será behaviorista no sentido em que a biologia responde mas não em termos de respostas dentro de uma sociedade humana construída; o nosso exemplo primeiro é o zigoto, no útero, respondendo a estímulos físicos, químicos, dentre vários outros. Em segundo lugar que, à medida que o Humano se desenvolve e cresce e se relaciona com a sociedade e tem que dar respostas, a psique se forma, mas não ocupa lugar, não é espacial nem delimitada; talvez, em função da imagem de limite que o sistema endotelial externo de proteção promove fundamenta-se uma sensação ou noção ou imagem de unicidade corporal.

O Humano defender-se-á, não somente dos medos e angustias mas também da ansiedade já que está à mercê do acaso. Ele sabe disso. O imponderável. Aquilo que não se pode projetar nem prever. Aquilo que “está na mente de deus” e não sabemos nunca quando será o momento certo através das linhas tortas do tempo, já que nunca sabemos o que vai na mente de deus. Não será ‘o que vai na mente de deus’, em relação aos Humanos, o mero acaso?

Aristóteles freqüentemente afirma que algumas coisas são determinadas por causas enquanto outras ocorrem por acaso. Lucrecio, seguindo Demócrito, supõe que os átomos primordiais desviam-se de trajetórias retilíneas de modo fortuito, sem qualquer razão para tanto. O retilíneo fica por conta de Demócrito. Mas, para os antigos, nada havia de estranho em tais noções; eram corriqueiras; estranho teria sido, naquela

época, considerar que não havia o acaso. O acaso sempre esteve em todo lugar em todo momento, desde a concepção humana. O acaso é o natural. No entanto, o Humano busca leis eternas (não tem a mínima noção do que seja o eterno nem o infinito), leis que controlam o universo, que formam campos conjugados; tenta buscar explicação nos campos unificados. Tudo é afã para determinar algo que seja organizado, pois o organizado, enfim, é algo controlável, segundo o Humano. Daí a busca e valorização do Cosmos.

O Humano transferiu a noção de ordem e controle para a divindade. O Humano percebeu que muita coisa se repete igual ou parecida. O mundo vem se construindo ou desenvolvendo por sequência repetitiva de acasos e muitas sequências de similaridades. No entanto o olhar do Humano não alcança nem o micro e nem o macrocosmo. Com a limitação do campo de ação, em função da incessante construção da ordem, - civilização, - aparece a noção de que a coisa caminha sempre sob controle e equilíbrio. E é nessa vertente de caminho raiz ou diretório raiz que se dá a formação do pensamento ou do ato repetido de responder à mesma questão, tendo o cérebro como único responsável por esse movimento. O pensamento não será um objeto, mas será instância que passa por trilhas estabelecidas no aparato biológico humano.

Marinela Morgana de Mendonça, em seu resumo de trabalho nos relata que

A repetição é um operador teórico eficaz para se pensar o corpo psicanaliticamente? As incidências da repetição no corpo são demonstráveis por meio da dor? [...] A introdução do conceito de pulsão de morte abre a possibilidade de consideração desses temas sob o ponto de vista do transbordamento pulsional, que por sua vez, permite entender a compulsão à repetição, revelando-se no corpo, como sendo a expressão de um conteúdo pulsional excessivo e traumático.

Ao entrarmos no campo das redes universais de matéria/energia onde todos os organismos vivos e coisas e objetos estão entrelaçados, onde os corpos convivem em troca constante de energia e/ou matéria (a mesma substância em frequências vibratórias diferentes), buscando ou fugindo do equilíbrio, levaremos em conta que a matéria/energia ou energia/matéria desta rede universal gera o estado de *consciência*. Mas será sempre *consciência em função de*. Não consciência per si; será momentânea e passageira. Parecerá constante em função das repetições miríades em poucos instantes.

Desejamos sugerir, apesar de usarmos a palavra rede, que se tome a idéia de rede não em termos de área (verticalizada ou horizontalizada). Sugerimos pensar em termos volumétricos, tridimensionais, isocóricos. O universo é volumétrico com o centro em toda a parte. As interferências surgem de todos os cantos e o Humano quando interfere o faz em todos os cantos, da mesma forma que recebe interferência de todos os lados. Tudo ao mesmo tempo.

Os vários aspectos da matéria/energia, como explanaremos mais à frente, - que ilusoriamente interpretamos como sólida, - é composta de imensos espaços ocupados por blocos ou punhados, aglomerados de matérias que vibram em frequências variadas e moduladas, grumos e nós diferenciados, coalizões orgânicas, aglomerações cristalinas ou mistas, além de espaços aparentemente vazios. Grupamentos cristalinos, grupamentos metálicos, grupamentos biológicos. Usamos, como exemplo, a diferença da água para o gás e deste para o plasma e assim por diante. Assuntos do campo do universo subatômico. Desejamos mostrar que é neste campo,

nestas instâncias microtexturais que se dá o processo de consciência (em termos de respostas a estímulos).

Resposta a estímulo é a base deste artigo buscando resposta para a questão da Inteligência Consciente, como já foi dito. Resposta a estímulos formais e ocasionais. Resposta a estímulos repetidos sob coerção do padrão que a PHÝSIS impõe como elemento determinante.

A neurociência é caminho de estudo obrigatório; neurociência é termo que reúne as disciplinas biológicas que estudam o sistema nervoso, normal e patológico, especialmente a anatomia e a fisiologia do cérebro interrelacionando-as com a teoria da informação, semiótica e lingüística, e demais disciplinas que explicam o comportamento, o processo de aprendizagem e cognição humana bem como os mecanismos de regulação orgânica. Dessa maneira e alcançando os dias de hoje quando a cibernética dá passo importantes, podemos apreender o quanto de máquina está no Humano; o quanto de máquina constroi o que chamamos de Humano; o quanto de máquina exclusiva é o mecanismo biológico que responde aos estímulos da natureza e o mantém vivo; o quanto de máquina biológica lhe dá esta constituição atual; o quanto de máquina hipercomplexa é este corpo; tendo tido outras constituições que permitiram o processo de adequação e sobrevivência na Natureza ao longo das eras.

O trabalho ainda pretende mostrar que não há necessidade de se criar outra realidade externa ao corpo. Esta criação está no âmbito do costume de controle que poderosos impõe à sociedade humana. No início a busca de alguma explicação causal e depois a imposição de um modo de vida.

O trabalho pretende dissociar todo o pensamento do aspecto da Fé e da Religião. Admitir-se-á que no organismo humano tudo o que dele se manifesta ou a ele vem (como estímulo) está inserido nesta complexidade, neste tecido matéria/energia. Desejamos também arbitrar que é tão fantasioso afirmar que o pensamento nasce das relações e sinapses neuronais quanto investir na invenção de uma terceira coisa, na figura invisível da alma que a confundimos, em termos de senso comum, com vida. O nível de complexidade (tão fácil ou difícil de atingir quanto se chegar ao princípio do universo ou atingir sua infinitude ou alcançar suas grandezas absolutas) precinde, então, da invenção de demiurgos, almas, espíritos, deuses (que apenas parecem representações do desconhecido, do incognoscível; isso é ponte para se aceitar manifestações extra-corpóreas e metafísicas amplamente desnecessárias para se explicar o pensamento), para que o corpo biológico funcione do modo que o faz: interagindo com o universo através da rede de energia/matéria de todos os graus de densidade desde os mais sólidos até os mais fluidos em um contínuum agir no espaço-tempo, parece ser o caminho mais normal, repetindo o que a vida biológica vem fazendo desde bilhões de anos atrás. Não há novidade nisso. Novidade é o aparecimento da alma no meio disso tudo.

Tanto do ponto de vista histórico como teórico não desconsideraremos as contribuições da cibernética, hoje neurociência computacional, que se define como a ciência da comunicação e controle no animal e na máquina. Na máquina, algo grosseiro e apenas imagens do que somos, imagem possível pois baseada no que o Humano está, é a cópia referida, enfim, por Platão. Pretendemos inverter valores. Não há 'o mundo das ideias', mas existe 'o mundo das formas e da matéria' (em sua múltiplas nuances) que é esta nossa palpável e única realidade... a nossa realidade. Desse mundo de formas é que se sugeriu, - erroneamente, - um mundo de ideias. E nós (os

verdadeiros demiurgos?) construímos máquinas e objetos que tentarão imitar a forma ideal (que somos nós). Tudo o que construímos expressa a nossa imagem.

Certamente tais representações são imperfeitas e falhas como é o caso dos corpos biológicos sob a ação de ações do acaso. A civilização, o conjunto dessas imitações, - é imperfeito e falho, contrariando os caminhos já elucidados pela natureza. Teremos, então, a causa do sofrimento humano. A incapacidade de atingir qualquer perfeição. Principalmente a perfeição que admitimos existir. Mostraremos que o Humano perdeu o rumo. O rumo era seu equilíbrio com a PHÝSIS e este é o paraíso de Milton, que se perdeu.

COSMOGONIA

Hesíodo nos fala que no começo era o caos (bagunça, desordem). Para deístas, obrigatoriamente, o começo deve ter sido o cosmos (a ordem, a organização). Será correto afirmar que, tendo deus sempre existido, no começo era o caos?

Da mitologia nos vem a narrativa desses começos inconclusos. Todo o começo, portanto, está inserido nos padrões que temos do presente. E o fazemos da maneira que nos for mais plástica e agradável e poética; de maneira que venha defender pontos de vista interessado e interesseiro. É por isso que mesmo tendo vivido nos anos 500 o Rei Arthur é idealizado como um cavaleiro que usa armaduras, mesmo não havendo armaduras nos anos 500. Fazemos isso com Arthur e fazemos isso com Cristo ou com Krishna e o faremos com a copa de 50. Preferimos o tabu e como lemos o tabu em função de nossas necessidades ou necessidade prazer.

O Humano vai ordenando (cosmificando), organizando, para melhor poder controlar a situação. Pelo menos a situação que está a 1 m2 em torno de si. O controle da situação também sugere controle de pessoas outras para que possam seguir na direção que o controlador deseja. Chefes, reis e governantes, serão sempre tiranos. Suas ideias de bem e de mal controlam a multidão servil.

Citemos GARCIA-ROZA,

O homem das culturas arcaicas e primitivas repete este modelo, sendo que é através desta repetição que os fatos do cotidiano ganham sentido de realidade. Os acontecimentos do mundo não possuíam realidade em si mesmos, mas apenas na medida em que repetiam acontecimentos pretéritos. (GARCIA- ROZA, página 27).

Levaremos em consideração que o tema da REPETIÇÃO é tema de importância e caro que vem se estabelecendo desde os tempos primevos e que passa pelo pensamento de filósofos atuais como Nietzsche, por exemplo com o conceito do eterno retorno. Mas a repetição não é apenas reminiscência.

Temos a repetição através do conceito de retrospectão (Édipo relendo a própria história). Ou então através da comparação ou choque positivo entre linguagens, o choque entre consciências. Temos a VERDADE não como um dado a seguir seguido, ou a ser trabalhado, ou ainda dado de referência, mas como resultado de um processo. O sujeito passa por um processo e depois o relê revelando ou desvelando caminhos. A totalidade conferirá realidade ao fenômeno mas, essa totalidade, muda dentro de si a cada momento pois a teia ou rede volumétrica da PHÝSIS muda a todo momento, mudanças constantes e ao acaso, seguindo as forças que se

aplicam na rede, como a onda ou o oceano muda a cada momento sendo sempre água.

A REPETIÇÃO é o que chamaremos de CONHECIMENTO. Quanto mais rápida a repetição mais estável o conhecimento dando impressão que ocupa algum lugar no espaço e que é algo constante. Pense na repetição de um dado em um segundo. Pense na repetição de 1 bilhão de dados em um segundo. A repetição rápida é o conhecimento imediato. A repetição muito rápida é o conceito de memória se estabelecendo. E como instância tem seu tempo; a memória dura enquanto o corpo humano durar saudável. A memória acompanhará a saúde do corpo pois depende de sua biologia. A repetição rapidíssima e processadora é a inteligência em funcionamento. Some-se a isso toda a associação cerebral de redes neurais para efetuar operações, quintuplicar, multiplicar a velocidade das atividades cerebrais. E haja saúde para isso tudo.

A repetição traz algo novo pois é resposta sobre a atualidade e impele para adequação do organismo à nova situação. A repetição não se opõe às leis da natureza. Ela tem que seguir as leis da natureza pois a repetição é instância natural. Ela está imersa na malha isocórica. A situação atual é que o Humano enfiou-se numa carapaça protetora e alteradora de valores naturais que ele chama civilização. Vedo-se protegido nessa carapaça ele a supervaloriza. Essa carapaça o protege da natureza. O Humano não deseja saber das simplicidades da natureza. O Humano não deseja um retorno ao primitivo, mas ele não tem poder algum de controle sobre isso. As respostas finais vêm em função de manter o Humano vivo no sistema artificial que ele mesmo criou. Dessa forma a repetição tende a fortalecer a lei moral, - que é virtual, - imposta no processo de formatação que o Humano se submeteu. O Humano é formatado, condicionado, para obedecer regras que ele produz sobre a sociedade e a sociedade repete sobre ele; sociedade, civilização,

repetição do artificial, fugindo da morte iminente. Afinal, os aparatos biológicos são sensíveis, sutis e frágeis.

O Humano não é livre e responde aos estímulos sempre da mesma forma, igual, até que o acaso interrompa seu fluxo de repetir o mesmo. E o acaso está em toda parte e acontece quase que o tempo todo. O Universo é sucessão de acasos.

Quando se repete e se vai numa direção diferente, por causa das inúmeras forças que irrompem sobre o objeto, estamos no âmbito do trágico, pois o Humano vai para onde ele desconhece, mas é obrigado a para lá se dirigir. Isso é próprio do Humano criador, ou em outras palavras, aquele que pode intuir (aquele cujas informações obtidas são mais rápidas e complexas e completas que a da maioria que acaba usando o senso comum), aquele Humano que usa outras vias de acesso no caótico mundo artificialmente organizado. Chamaremos tal pessoa de filósofo ou artista. O Humano atual e normal tem necessidade de se adequar ao status quo civilizatório, pois está devidamente formatado para isso, e buscará repetir sem criar, seguindo o padrão vigente, se abastecendo do paradigma vigente e conceituando sobre isso o estado de felicidade: que é ter bem respondido às ordens do condicionamento.

Na maioria das vezes é a causa de seus males existenciais. Outros seres vivos buscarão criar nova situação, alternativa, diferente, sendo a mais radical de todas o retorno à natureza.

Estamos também no âmbito do constante devir e essa posição Heraclítica pode ser a chave: a de que a natureza segue uma trilha, que a PhýSIS muda e que interferências nesse equilíbrio mostrará o Humano incompetente para se manter equilibrado. Ele reage. É nesse ponto que o

Humano interfere, no começo sem o saber, na natureza e começa a construir, não conscientemente, mas intempestivamente, a civilização. Contra a chuva esconde-se na caverna; contra a fome mata o macaco. Por que não terá comido mato desde o começo dos tempos?

Valorizar a consciência, - como se fôssemos donos dela e dela controlador, - pode ser o erro primitivo que nos manterá na trilha errada. Qual consciência devemos valorizar? A do filósofo, a do artista, a do professor, a da pessoa comum que segue a moral? Qual? Haverá a consciência do Humano como um todo ou do Humano em si? Sabemos que cada um de nós é muito diferente do outro. Existirá realmente um estado de consciência? Como já foi dito entendemos que não. Tudo não passa de palpação no escuro. O devir é fato mas palpação no escuro. Vem mas não se sabe como e com que força. Como os padrões tendem a se repetir palpamos e seguimos parecendo seguir sem problemas, mesmo por que não temos outra escolha. Nos acontecimentos ao acaso vemos que há paredes nesta escuridão. Uns elegem seus mitos para explicar a incompetência de seguir. Outros continuam a palpação até achar o buraco que levará para outra escuridão.

Citando novamente Churchland,

Próximo à superfície dos oceanos terrestres, entre 3 e 4 bilhões de anos atrás, o processo de uma evolução puramente química, desencadeado pelo sol, produziu algumas estruturas moleculares capazes de se auto-replicar. A partir de fragmentos e partículas moleculares encontrados em seu meio ambiente imediato, essas molécula complexas podiam catalisar uma sequencia de reações aglutinadoras que produziam cópia exatas de si mesmas. (CHURCHLAND, página 199.)

Moléculas auto-replicadoras. No começo se aglomeravam em coágulos para aumentar o tamanho. Depois veio a auto-replicação como atalho do mesmo processo. Surgem mecanismos de proteção e surgem em função da necessidade numa série imensa de repetições até atingir o estado ideal de proteção contra as intempéries daquele ambiente. As moléculas que se auto-replicam e se protegem concomitantemente, estão em vantagem sobre as que só se replicam. Fato.

A junção e coleção de molécula em um dado caldo se dirige na direção da formação de células e depois aglomerados células mais complexos. Funciona assim até os dias de hoje. Explica claramente como é que estamos todos aqui. E tal explicação, tão atual e cotidiana, existe para cortar fora a superstição, o fanatismo e a fé, que são modos, modas, costumes produzidos para que minorias controlem populações e as escravizem. Que isso fique bem claro. É para isso que se criam artigos e trabalhos que explicam os temas e conceitos. Para construir a liberdade. Para libertar a pessoa das ciladas institucionais. Estuda-se para construir a liberdade e não o contrário.

A célula é um sistema que consome energia e pode se manter e se replicar. Parece um sistema igual ao que conhecemos como portador de padrão de vida similar ao nosso. Os vários padrões que se sucedem ao longo das eras o fazem para a manutenção daquele tipo de célula ou aglomerado. O sistema nervoso só pode ter aparecido com a aglomeração de células. No momento em que a placa de células se dobra para formar o tubo neural o processo segue o padrão que vem se repetindo na natureza desde bilhões de anos. Não há novidade, mas há especialização frente os acasos e mutações. A multicelularidade permite isso. A partir daí começamos a estabelecer estudos dos processos inteligentes e de auto-consciência. Antes não.

No organismo multicelular há os grupos que se ligam diretamente ao meio externo e os grupos se ligam diretamente ao meio interno, havendo, ainda, as interconexões. Tais diferentes grupos especializar-se-ão de modos diferentes, maneiras diferentes, seguindo moda e costumes diferentes, de acordo com as necessidades e processos de adequação que lhes forem impostos pela malha universal ou pela natureza. É a vantagem do multicelular. Células que passam à especialização. Por que passam à especialização? Pois ela se protege contra as forças da natureza.

Só o multicelular poderá ser animal ou vegetal superior.

O acaso continua pois o acaso é a situação natural. As mutações acontecem. As adequações continuam. O caramujo que podia enxergar no escuro por acidente ganha, - por repetição do fenômeno e das reações químicas, - ligação entre a fotossensibilidade e o grupo de músculos motores; ele pode, agora, escapar muito mais rapidamente dos predadores, muito mais do que os caramujos que não têm essa possibilidade. Trata-se da seleção natural, que se expande por milhões de anos de tentativas, repetições e acasos, num jogo ininterrupto de adequações ao meio. E sobrevivência.

O organismo quer sobreviver? Não, o organismo repete o que vem fazendo. Ele precisa sobreviver e não é questão de vontade. A vontade não existe na natureza.

Sempre pensamos o Humano no estado em que está, moderno, e inserido na época atual. Mas, nos remeteremos ao passado e perceberemos que houve necessidade de diálogo ou comunicação e o Humano passou por vários estágios até atingir a atualidade linguística de hoje, por exemplo. Tal necessidade de comunicação era atalho para ações; está inserida nos

processos de adequação às novas situações emergentes no bioma. Grupos de Humanos que encontram outros Humanos de outras áreas longínquas terão de encontrar formas alternativas de comunicação. Estímulo e reação em função da necessidade. Nem que seja no braço. Hoje também é assim, mas, achamos natural que se entre na escola de inglês para aprender a outra linguagem. É parte do processo civilizatório atual. Está na moda ou está nos contumes. Está sob controle. Aprender a linguagem dos palestinos está fora do controle. Mas, há 100 mil anos atrás, qualquer atitude dessas inserir-se-ia num programa de adequação à nova necessidade de se manter vivo e é fundador das bases do atual programa.

Aristóteles nos fala de princípios. O filósofo na busca dos princípios. Causa formal, material, eficiente e final. Beberemos nestas fontes. Essência-acidente, ato-potência, matéria-forma. Responderemos em função desses estímulos.

Eidos, a causa formal faz com que a substancia seja o que é. No âmbito deste artigo, tomaremos esta frase no sentido em que SUBSTANCIA como elementos químicos iniciais, do jeito que estão, espalhados pelo espaço durante eternidades até que, acidentalmente, se chocam, se juntam ou se esbarram absorvendo ou exalando energia. Não há impositivo moral algum. Há reação físico/química. Tomam a forma que têm em função do acaso inicial.

Hyle, a causa material, a matéria de que qualquer coisa está feita. Cada coisa com sua matéria/energia específica. Nesse percurso de mudanças a matéria se junta, se aglomera, toma outras formas, sofre mutações e a cada momento de sua necessidade estará de um jeito. Sofre sempre mudanças.

Kinou, o princípio do movimento, o princípio motor, não está no âmbito deste estudo por completa dificuldade de pensamento sobre ele uma vez que é justamente o pomo de discórdia geral, sofrendo acúmulos de especulações. Nossa posição: Tenha deus criado ou não; tenha deus gerado ou não; seja deus ou não o princípio motor não alterará o curso do trabalho, bastando que não se venha dizer, por clara falta de motivos, que deus tenha vínculos morais e afetivos com a humanidade que surgirá, por acidente, lá na frente. Aliás, se a criação se limitar às substâncias lançadas no espaço, - que formarão a matéria/energia futura, - nada indica que dali deva surgir qualquer tipo de ser, ou, se há qualquer projeto divino para isso.

Telous, causa final, independente de formular que a causa leve a algum lugar, em função do desenvolvimento da matéria no universo, seus encontros acidentais formaram grupamentos que se tornaram interdependentes em função e sobrevivência. A causa final não é meta a ser alcançada. É final fortuito. A causa de buscar, depois que tais organismos se foram equilibrando foi o de manterem-se vivos, preservando a coesão, mantendo a troca de alimentos, mantendo o estado de equilíbrio ambiental, formando as bases do bioma e produzindo a despeito de tudo, descendências.

Se o universo não fosse tão... infinito... e a matéria/energia surgisse já semi-pronta, próxima do que conhecemos como matéria funcional e similar ao que conhecemos como material biológico atual, talvez houvesse a possibilidade de se pensar numa atitude intencional de um deus, ou deuses, ou heloins, como desejam os leitores bíblico. Mas, pela universalidade e talvez pluriversalidade do universo a possibilidade de que o Humano foi criado intencionalmente, ou qualquer outra coisa, animal e vegetal, para servi-lo no jardim do Éden, é mais parecido à ficção do que o encontro

casual de substâncias, entre si desconhecidas, que formarão por afinidade accidental e fortuita, grupamentos. Este segundo conceito se repete até hoje.

Aristóteles nos fala ainda de uma causa accidental. Symbebekos. E a subdivide em duas possibilidades: a do TIQUE e a do AUTOMATO (sempre dizendo respeito a acontecimentos excepcionais).

Mesmo mantendo as duas possibilidades no campo da Causa Eficiente, dir-se-ia que 'Tique' está perto da necessidade e perto do processo de adequação, enquanto 'Autômato' está perto do processo de repetição. Podemos dizer que 'Tique', dentro do campo da necessidade, pode, a partir de certo tempo, ser dispensada ou domada caso o organismo biológico, por força de sua manutenção, for além do que 'Tique' comanda; burlando 'Tique' e, de certa forma, escapando da sua ação. Neste ponto o organismo começa a interferir na PHÝSIS. Neste ponto sabemos que algo foi gerado e que já não está em equilíbrio com a PHÝSIS.

Contudo, a partir do momento em que surgem os elementos químicos, criados ou não, me parece que o estado de mais puro equilíbrio já começa a se desfazer. O mais puro equilíbrio é o nada acontecendo, ou o estado onde não eclodem gastos e produção de energia. Não se pode dizer que tais estados sejam estados de ordem, sendo esse nada apenas o estado antes da aparição das substâncias, algo totalmente inconcebível. Ou algo parecido com a morte. O completo e total equilíbrio é quando não há mais fluxo de matéria/energia. A vida (zoe) foge disso. A vida (zoe) caminha para isso. Paradoxos.

INTELIGENCIA CONSCIENTE

Múltiplas áreas de juntam hoje para construir a teoria que explicará o tema Inteligência Consciente. Filosofia, Psicologia, Inteligência Artificial, Etologia, Neurociência, Teoria da Evolução, dentre várias outras como as sempre presentes Física (grande importância da quântica), Biologia (principalmente microbiologia), Magnetismo e Química.

Importa os fundamentos gerados pela Filosofia ao longo de toda sua história em elucidar o autoconhecimento da mente. Importa mais pela tenacidade do que pelos resultados. Navegar é preciso, enfim. Graças à Psicologia e seus desdobramentos afirmamos que o autoconhecimento se dá através da introspecção, conceito que se verá desenvolvido mais à frente. Da neurociência nos vem a noção das células interconectadas, aos bilhões, em trilhões de respostas a todo momento formando a rede neural; na etologia comparamos os sistemas humanos e os sistemas animais e suas relações com a PHÝSIS, relações de equilíbrio e relações de desequilíbrio; seguindo os passos da teoria da evolução deparamos com os processos seletivos que não são ficção científica nem estudo passível de negação. Fatos.

Qual será a natureza dos processos mentais?

Em Filosofia nos deparamos com a questão ontológica: o que realmente existe, e, aquilo que é existente como foi formado essencialmente? Podemos alcançar as essências ou serão elas apenas descritas poeticamente escondidas em jogo semântico? Há real necessidade de se conhecer essências ou o que se apresenta já é suficiente?

Temos dois caminhos ou dois processos para seguir. O materialista onde tudo o que ocorre está sob o privilégio de ocorrer no intrincado arcabouço cerebral e não em outro lugar. O segundo caminho pede uma solução cartesiana dualista com a junção mente/corpo onde o primeiro

elemento tem preponderância sobre o segundo, partindo do princípio que os estados mentais não ocorrem somente em nível físico.

Nesse momento devemos saber sobre as duas tendências e suas variantes para efetuar a escolha. Neste artigo admitimos seguir o processo materialista.

Dizemos que, apesar das questões políticas, que todos somos iguais e respondemos da mesma maneira a estímulos; em nenhum momento temos certeza absoluta de que a resposta a determinado estímulo, que sofreremos ao mesmo tempo e por igual, tem o mesmo peso, o mesmo significado, o mesmo valor em cada uma das pessoas. Culturalmente somos obrigados à solidariedade e a reagir de modo que todos sejamos iguais mesmo nas respostas. Dizemos que entendemos o que se passa, mas em verdade não temos a mínima noção do que vai no outro Humano. É impossível ter experiência direta dos estados mentais da outra pessoa. A finalidade da linguagem é a comunicação mas a única comunicação aqui possível é que os estímulos que cada um de nós sofre segue um caminho específico dentro de nosso corpo; a explicação sobre eles se torna impossível em termos absolutos, apenas possível em termos relativos.

A MENTE E O CORPO

Paul Churchland pergunta:

“Qual a verdadeira natureza dos processos e estado mentais? Em que meio eles ocorrem, e como se relacionam com o mundo físico? Minha consciência sobreviverá à desintegração do meu corpo físico? Ou desaparecerá para sempre quando meu cérebro deixar de funcionar? É possível a um sistema

pouramente físico, como um computador ou autômato cartesiano, ser construído para ser dotado de inteligência consciente real? De onde veem as mentes? O que são as mentes?" (CHURCHLAND, página 25).

Pedimos que aceitem o caminho da simplicidade. Dentre duas coisas possíveis de serem corretas, buscar o caminho mais simples e dentro deste caminho buscar a complexidade, se assim for necessário, também. O caminho será simples não importando a complexidade do sistema.

Para nosso entendimento e conhecimento o que sabemos da PHÝSIS nos dá a noção de que é muito complexa. Em relação à PHÝSIS, o que ela é, é muito sim simples. Para que eleger a existencia de mais um elemento – a ALMA, ou a MENTE, ou ainda um outro grupamento ENERGIA/MATÉRIA, para se juntar ao corpo e dele fazer algo fenomenal, se a mesma explicação servirá para o CORPO/EM SI somente, sendo ele já uma coisa fenomenal? Não devemos buscar entidades alhures para executar a equação além das entidades estritamente necessárias ao processo. Há a matéria e suas múltiplas variantes formais (gás, líquido, plasma, ignis, magnetismo, ondulatória, quântica). Não há dúvida alguma de que a matéria física existe e que é plural em micro e macro ambientes. Por outro lado a matéria espiritual está, ainda, na dependência dos elementos da fé e não passa por comprovação alguma. Há quem diga que um dia, quando tivermos mais conhecimento, essas noções se farão claras; espermos por esse dia, se for o caso, mas hoje, - e o que vale é o momento real atual, - nada se pode esperar. E, como disse Voltaire, a Fé existe onde não há Conhecimento. Havendo Conhecimento a Fé desaparece.

Hoje sabemos muito bem como funciona boa parte do cérebro em suas ações químicas e microquímicas, em suas estruturas e associação

neuronal; há mapas bem controlados e bem feitos; química e eletroquímica associados para desligar e ligar sinais; sabe-se sobre a seleção de sinais e como tudo isso instiga o comportamento e coordenação do corpo. Além disso, graças à neurologia, é possível saber o que resulta de danos sobre o cérebro e, evidente, em cérebro danificado todas as emoções, sensações, sentimentos, afetos e valores referenciados à conjectura da alma se perdem. Perde-se também a capacidade de pensamento e perde-se o imaginário. Ou seja, o corpo é essencial. O corpo biológico é fundamento. O mundo sensível pode sim levar ao auto-conhecimento. Em resumo o mundo sensível é tudo o que temos. Cuidemos do corpo. É através dele que encontraremos a saída desse cosmos artificial que é o mundo e que nos leva para a morte rápida.

Da mesma forma que mais tarde teremos mais conhecimento para elucidar os mistérios da fé, da mesma forma, repito, teremos mais conhecimentos em química, biologia, eletromagnetismo, cibernética e outras ciências da PHÝSIS.

O aprendizado está relacionado com o corpo sadio. O neurocientista pode explicar como isso se dá. Como o crescimento depende de uma série de reações eletroquímicas que causam modificações essenciais. Neuroquímica e neurodinâmica explicam comportamentos, depressões, emoções, motivação e atenção.

Álcool, narcóticos, substâncias que alteram o funcionamento da biologia cerebral aniquilam o corpo e com ele os estados emocionais. Logo, o corpo é o fundamento e base de todo o conhecimento e toda a ação. A dizer: o sensível é a base de todo o conhecimento. Se não é o sensível não se tem referencia para a conjectura da metafísica. Da mesma forma que protestantes surgiram do seio católico, a metafísica surgiu da matéria. E a luz sempre se projeta através das trevas. Assim faz muito sentido que a

consciência seja dependente do corpo e do sistema material, e, por outro lado, faz muito pouco sentido que os estados mentais dependam de uma matéria alheia ao corpo apanhada alhures.

Mais perguntas de Churchland: - Qual a origem desta espécie complexa e sofisticada que somos nós? Qual, nessa mesma perspectiva, é a origem do golfinho, do rato, e da mosca doméstica?

Graças às pesquisas de fósseis, anatomia comparada e bioquímica das proteínas já não há tanta dúvida séria nesse campo da neurociência. Cada tipo desse, - e nós mesmos, - somos espécies sobreviventes. Somos o resultado que deu certo até agora. Sobreviventes e secundários a outro tipo que veio anteriormente. E esse mesmo tipo é sobrevivente de outro ainda anterior e assim por diante, ou para detrás. Cada um deles e seus descendentes, até os dias de hoje, são réplicas, são repetições de organismos anteriores que, responderam aos estímulos do campo em que viveram, sobreviveram e se foram modificando; deram continuidade alterada e adaptada a cada tipo. Os que não sobreviveram tinham, em relação ao campo em que viviam, incapacidade adaptativa. Alguns desses se foram complexificando, agregando sistemas outros e reagindo ao meio para manter a jornada sobre a terra. Caso não houvesse o acaso os sistemas poderiam se manter em certo equilíbrio, mas o acaso traz o rompimento e cria oportunidade para a adaptação forçada, ou ainda, a adaptação possível. Outros desaparecem. Sistemas complexos e sistemas simples sobrevivem ou somem. Sobrevivem ou desaparecem. Temos a variação cega através da reprodução. Temos a sobrevivência seletiva em função do ocasional resultado dessas reproduções. Fica bem fácil entender que o mais capaz sobreviverá gerando mais capazes daí em diante.

Duas explicações. Imersos naturais e equilibrados na PHÝSIS, recebendo e dando estímulos, interagindo, estamos em estado de equilíbrio natural e pode-se aventar a possibilidade de que os organismos teriam vida longa, seguindo seus processos de contínua adequação. De qualquer forma o equilíbrio total é a morte seletiva. Morte Natural. Por outro lado, a busca do equilíbrio na civilização construída é situação forjada e mal controlada, interferindo na natureza e na PHÝSIS, levando ao desespero e levando, também, à morte, sem qualquer seleção. São duas classes diferentes de cosmicidades.

No caso do Humano surgiu, em resposta aos estímulos, um sistema nervoso que gerou comportamentos e orientações discriminativas. A diferença entre Humanos e seres primitivos é em grau mas não em gênero. O imenso e organizado aglomerado de células do nosso sistema nervoso nos dá preponderância sobre os outros seres animais e vegetais. Somos criaturas da matéria. Somos criaturas oriundas de humus. Humanos.

BEHAVIORISMO?

A questão se põe na ordem de analisar o modo como se fala e se verbaliza situações, menos do que uma linha de trabalho comportamental. Claramente contra a frente dualista. Mas, afirma o behaviorista, que a maioria dos estados mentais está exposta a inúmeras vias. O corpo humano com seu conhecimento a priori fundado nas mais remota forma zigótica, tem propriedade e característica de funcionamento e não necessita de elemento externo – a alma – para que funcione ou desenvolva outras propriedades. Agora, o behaviorismo metodológico, grande base que foi para que a psicologia se mantivesse ligada ao campo empírico, tem função de

importância nesse trabalho, até certo limite. Limite esse que será ampliado com outras teorias do campo material que se seguirão, com o avanço da neurociência.

A teoria da identidade indica que estados mentais correspondem a estados físicos do cérebro. São a mesma coisa. O paralelo que se faz é com o som: ondas de compressão que caminham pelo ar; com a luz: ondas eletromagnéticas; com o calor e o frio: dependem do movimento das moléculas do objeto em questão; com o relâmpago: súbita descarga de eletrons na atmosfera entre a nuvem e a terra, ou, mais raramente, entre a terra e a nuvem. Enfim, o som é a compressão, a luz é idêntica à onda eletromagnética, a temperatura é idêntica à energia cinética das moléculas, estado mental é idêntico ao trabalho efetuado pelo cérebro. Coisas e propriedades observáveis pelo senso comum, até.

Como argumento podemos citar Churchland,

“... a origem física do indivíduo humano. Começamos com uma organização de moléculas, monocelular, geneticamente programada (um óvulo fertilizado), e prosseguimos, a partir daí, acrescentando outras moléculas, cuja estrutura e integração são controladas pelas informações codificadas nas moléculas de DNA do núcleo celular. O resultado desse processo será um sistema puramente físico, cujo comportamento resulta de suas operações internas e de suas interações com o mundo físico. Essas operações internas que controlam o comportamento são justamente o objeto das neurociências.” (Churchland, página 56).

Como isso se repete em todos os animais e as pesquisas neurocientíficas veem trazendo novidades que garantam o argumento, principalmente na pesquisa com animais mais simples, já que há envolvimento moral em se tratando de Humanos, os resultados fortalecem a

ideia de que não há dualismos no Humano ou em qualquer ser vivo. Mas a identidade serve para todas as linguagens e a forma de pensar será a mesma? O cérebro tratá-las da mesma maneira? Eis o que podemos chamar de conteúdo proposicional. Se tomarmos as frases “As bananas são amarelas”: em francês seria “les babanes sont jaune”; em inglês seria “bananas are yellow”; em alemão seria “bananen sind gelb”; em italiano “le banane sonno di colore giallo”, ou seja, escreve-se de maneira diferente, usando-se símbolos diferentes, mas o resultado é o mesmo, como até bem aprendemos com ‘A LIÇÃO’ de Ionesco. A banana não muda. Não importa se em braille ou se em outro método de comunicação. O que parece é que o cérebro se torna sede de uma economia inferencial complexa, capaz de recepção inferencial e de arcar com situações proposicionais.

Há possibilidade de se obter conhecimento através de uma série diferenciada de caminhos. O conhecimento que o zigoto em desenvolvimento veio acumulando é prova. A força das experiências cumulativas em biologia é dado de importância. É dessa forma que temos conhecimento das nossas próprias sensações. Antes de tudo há o conhecimento proprioceptor que usa ferramentas próprias e acompanha o Humano na vida. Se não fosse assim ao se apagar a luz não conseguiríamos nos manter em pé por perda da noção de espaço, mas isso não ocorre por que nosso segmento corporais se reconhecem na escuridão e manterão o estado de equilíbrio. Em um primeiro momento os animais têm o modo pré-linguístico de representação sensorial. É a comunicação entre as partes de seu organismo. Hoje chamamos isso de ‘interação’.

Um parente do behaviorismo, o funcionalismo, vem propor que o organismo humano tenta se reequilibrar em sua economia em resposta a injúrias de qualquer origem. A tendência é recompor a parte injuriada e as respostas a isso serão dadas não importando a fonte de injúria. Muita vez o

organismo não consegue reequilibrar-se a tempo. Outras consegue. Em geral, durante a maior parte da vida do animal, ele consegue se reequilibrar, seguindo as determinações que seu código genético manda em termos de genótipo; e em termos fenotípicos, das relações deste genótipo com o meio ambiente. É evidente que no código está determinada a data da morte do organismo biológico, se não houver interferência da medicina, - essa criação da civilização que destrói o caminho natural com suas interferências antiecológicas.

O código genético é um mapa auto-referente. Podemos até dizer que a famosa frase: - “só Deus sabe o dia da nossa morte”, perde o sentido a longo prazo, pois da mesma forma que o código já foi sumariado, sua análise e completo mapeamento levará tempo, mas os segredos da codificação estão se esclarecendo a cada dia.

Inferimos daí que a ação da medicina, - que é criação do ser humano em sua passagem sobre a Terra - é ação anti-natural, contra a ecologia. Contra o equilíbrio ecológico, repetimos.

O funcionalista, de certo modo, é contra a teoria da identidade pois antepõe a situação de que é possível construir um aparato artificial alimentado a ponto de gerar estados que sugerem existência de estados mentais baseados em auto/informação.

Vemos, no entanto que há um dado deixado de lado. O dado da qualidade e da especificidade de cada organismo biológico e de suas necessidades específicas. As respostas aos estímulos terão caminho em função dessas qualidades e dessas necessidades. Melhor, independentemente do tipo físico do corpo terão eles a mesma sensação de algo em função - funcionalismo, portanto, - da qualidade de estímulo. Exemplo: uma cor

pulsa a tantas frequências por segundo. No Humano a sensação dessa cor sempre se dará em função da captação dessa frequência, sendo ela carregada por grupos neurais já específicos para ela, ou seja, grupos que sempre carregaram essa frequência e estão nos olhos; num roboto, num autômato se dá o mesmo sendo que sua programação manda que ele capte a sensação da cor através de determinados terminais de cobre construídos para isso. Dessa forma a captação do VERDE, outro exemplo, se dará por um Humano, um roboto, um vegetal, um inca venusiano, independente de seu corpo, mas dependente da competência de se fazer a leitura da COR VERDE.

O cego não tem essa competência.

Como a ALEGRIA em seres humanos se dá com ressonâncias no hipotálamo lateral (constatado via série interminável de experiências já feitas e ressonâncias magnéticas), é de se supor que estas vias sejam as competentes para captar o conjunto de estímulos que resulta na resposta ALEGRIA. O corpo está adequado para isso. Muita vez o conjunto de estímulos coincide com situações que nada têm a ver com ALEGRIA e a pessoa ficará alegre assim mesmo, mesmo que esteja observando um acidente. O acidente terá estimulado os mesmos caminhos e as mesmas áreas. A pessoa não tem controle da situação. Nunca teve. O que chamamos controle é uma coleção de pré-estímulos que preparam resposta controle e pode ser auto-aplicado, havendo tempo para isso. Para algumas pessoas o tempo pode ser medido em dias, para outros questão de segundos. É sempre bom lembrar que as pessoas não são iguais e cada uma responde aos estímulos por um caminho. Umas serão mais aptas a se manterem no projeto-humano enquanto outras perecerão, em função da seleção natural, pendendo entre o humano e o animal. Podem perecer em vida desabilitados da capacidade de responder aos estímulos da natureza. O

problema atual é que a seleção não se dá mais em termos de ação somente da natureza. Há sistemas artificiais, - civilização, - que pressionam o Humano para trilhar outros caminhos. Humanos que seriam selecionados via natural hoje perecem por serem inadaptáveis a situações artificiais recentemente construídas, enquanto outros, fracos e incompetentes, se beneficiam dos artificios da civilização e sobrevivem criando castas de gente fraca. Estes, por maioria, imporão leis. Há alteração de valores e de qualidade de vida.

Ações artificiais como a medicina, por exemplo, ou a tecnologia do conforto do automóvel (gente que morreria só pelo fato de andar a pé, se desloca tranquilamente por longas distancias), por exemplo, alteram o processo da seleção natural.

CORPO E ALMA

Lidamos hoje com um arcabouço que declara a existencia da alma e da mente como substancias diferenciadas do corpo físico. Isso foi tomado como verdade e está na boca do povo, correspondendo a um saber popular, senso comum tomado como verdade. Nesse caso lado a lado com religiões e pensadores metafísicos. Há que se destruir este arcabouço. Dá a impressão de que os pensadores materialistas têm obrigação de responder às questões em relação ao arcabouço antigo, e, não é assim que deve ser. Certamente há que se construir um novo arcabouço e não há obrigação alguma de se explicar, paripassu, cada elemento do paradigma mental já existente, confrontando com projetos de identidade, ou projetos de funcionalismo ou qualquer outro projeto, como se devesse algo ao projeto dualista cartesiano.

É de se supor que Descartes por medo sacou do bolso o dualismo para não se ver prestando contas aos inquisidores.

Pessoas instruídas acreditavam em coisas que hoje já se mostram completamente diferentes. Exemplo é a questão do calor. Em séculos passados acreditava-se que o calor era um fluido que passava ou fluía de corpo para corpo. Hoje o novo padrão, muito mais concludente, afirma que o calor é energia não substancial e que se trata de energia produzida por movimento e choque de trilhões de moléculas. Da Vinci pintou um homúnculo no interior do homem. Homúnculo que seria inoculado na mulher. Dalí saíria a criança.

Peguemos este exemplo e lembremos que cada neurônio é capacitado com número de mitocôndrias muitas vezes superior ao número de mitocôndrias de cada célula humana. Quanto maior a especificidade das células, maior será o consumo e a produção de energia. A célula da pele (epitelial) gasta menos energia que o neurônio. Cada produção e consumo de energia está ligada ao trabalho específico de cada célula... cada uma na sua função.

Outro exemplo de que as pessoas instruídas explicariam não convenientemente um fenômeno é o caso da queima da madeira onde se acreditava que algo nobre desaparecia deixando cinza e madeira queimada. Na verdade não se perde nada nobre. Ganha-se algo que é o oxigênio.

Antes de Copérnico, sobre nossas cabeças, havia um céu de cristal que era movido pelos deuses ou deus ou demiurgo platônico. Hoje mudamos nossa interpretação do fenômeno. Não há cristal, não há harmonia das esferas pois os planetas não se movimentam por esferas mas por elipses, e nem estas são muito regulares... Ocorrerá o mesmo com a

concepção do pensamento dualista que perdura até hoje, - mais por esforço dos que querem controlar as mentes, - e do pensamento materialista? Pensamos que sim.

Mais exemplos? O das bruxas. Confluindo sobre essa psicose de perseguição outras tantas psicoses como caça a judeus, caça às mulheres livres, caça a cientistas que falavam contra os ditames da igreja, caça a filesteus e palestinos, vemos aí que o conceito geral manda se queimar gente desse tipo. Livros e livros escritos favorecendo a queima dos sacrílegos. Livros e livros foram queimados. Citarei Paul Churchland, num de seus momentos de euforia e confiança no futuro,

“Não devemos minimizar a dimensão da revolução conceitual aqui indicada: ela seria enorme. E os benefícios para a humanidade também seriam grandes. Se cada um de nós tivesse uma compreensão neurocientífica precisa das (que agora concebemos nebulosamente como) variedades e causas das doenças mentais, dos fatores envolvidos no aprendizado, na base neuronal das emoções, na inteligência e na socialização, então a soma total da miséria humana poderia ser reduzida em muito”. (CHURCHLAND, página 82)

No âmbito da psicologia popular, nesse senso comum primitivo e arcaico, questões como Sono, Doença Mental, Memória são ainda questões fora de cogitação ou compreensão. As explicações dadas são simples e, muita vez, erradas. O sono não serve só para descansar, por exemplo, pois o corpo continua em funcionamento e consumindo energia. Conceitos como física newtoniana em espaço einsteniano passam batido em compreensão pela psicologia popular. Espaços curvos e luz em blocos como um trenzinho são coisas do capeta. Essa psicologia popular sobrevive ainda e cria situações de pura Fé, com força de cacreditar mesmo naquilo que nunca existiu. Mesmo que pese que os antigos conhecimentos sobre fogo, esfera

celeste, homúnculos espermáticos eram tidos e aceitos como a verdade absoluta e vieram, com o tempo, cair por terra, a sabedoria popular mudou seus conceitos. Nem assim. Mas, sobre a inteligência consciente, matéria muito mais sutil e difícil, a psicologia popular, também incompetente para procurar a verdade, vem mantendo sua posição e explicação superficiais sobre os fenômenos da mente como se doura fosse.

Quando a explicação se der, a queda será muito maior e provavelmente a quantidade de doenças mentais eclodirá em multiplicidade estrondosa entre os que têm o pensamento estandarizado, condicionado, por não aceitar, por exemplo, que o ser humano é um automato com respostas ultrarápidas, complexas, mas repetidas. Uns mais do que os outros.

RES EXTENSA?

Logo no capítulo inicial, Sobre o Conceito de Pulsão, Garcia-Roza nos fala sobre o debate *res cogitans X res extensa* do cartesianismo, no trato da pulsão que o próprio Freud chama de sua mitologia pessoal. Freud diz que uma coisa está no limite da outra e isso nos dá uma certa direção no caminho da metafísica. No entanto preferimos os estudiosos que dirigem seu olhar para a ligação Pulsão com os aspectos da biologia (também citada por Freud), pautando no critério de simplificação e pautando no critério de que a dificuldade que temos de ligar a captação do símbolo pelo físico, entendendo seu valor, é a mesma se ainda por cima chamássemos para ajudar uma outra entidade alheia ao físico, quase que por si só já simbólica e poética. A dificuldade seria a mesma.

Então buscamos uma explicação que reduza a Pulsão ao biológico.

E, o caminho pode ser pela palavra instinto. Para Freud instinto é motor, aquilo que faz andar, mover. Mas instinto pode ser “reação através do caminho já conhecido”. Quando todas as informações são coligidas e a pessoa toma atitude “sem pensar”, é por que ela usou o “caminho já conhecido” e esse caminho é biológico; e esse caminho é instintivo. Mas há uma inadequação entre o Motor freudiano e o Instinto dos biólogos.

O nosso ponto de vista é que o corpo, como já foi dito, é puramente biológico. Não há fronteira entre corpo e estado mental pois o segundo não há como delimitar, nem provar, nem tocar, nem medir. O segundo é consequência do primeiro. Se apenas separarmos as questões do simbólico, - o corpo simbólico do corpo natural, - entenderemos que nosso trabalho visa buscar o estado natural como fundamento. O corpo simbólico freudiano já está no âmbito da civilização, no âmbito da adequação ao distúrbio, trata-se de teoria para o hoje, ou seja já está no processo de organização repetida para manter o mínimo de integridade na civilização incômoda. Esse mínimo de integridade é alheamento em relação à PHÝSIS. Mesmo Freud parte do biológico (a criança que mama) para construir o simbólico. Esse simbólico, sem sacralizações, é a busca da leitura do mundo, que construído, já se choca com o mundo natural proposto pela PHÝSIS . Estabelece-se o Caos e o Humano passa a ser um construtor/deus interferindo na natureza. Ele tem que se satisfazer com isso, ou sofrerá.

O Instinto busca a preservação, ainda segundo Roza, e a Pulsão é per/versão do Instinto. No sentido biológico a Pulsão não pretende manter a vida. Não é uma finalidade natural. Mas a Pulsão é representação do corpo na mente. A mente é entidade que entra no escopo deste trabalho. Podemos usar este termo para determinar que a simbologia resultante do interagir do corpo físico com a natureza em mutação leva a ler o corpo erroneamente, tentando satisfazer sua adequação ao novo mundo sempre em devir,

desviando do equilíbrio deste corpo com natureza. O satisfazer contínuo é per/versão da ordem natural de preservação da espécie e da atividade sexual, que no universo dos animais, relativamente incluídos no equilíbrio da PHÝSIS, se dá quando é necessário, - a Natureza chama. O Humano, perdendo este jardim do Éden, tem a função sexual, como diz Freud, em constante bizzarria e estado de per/versão pois ele não acompanham mais os ritmos naturais. Suas necessidades estão desorganizadas e a satisfação delas também.

Freud supõe que a Pulsão procura a satisfação que um dia se perdeu em nossa pré-história ou na pre-civilização. A Pulsão é portadora do gozo e da morte. A biologia manda que a vida viva, que a vida siga, que a vida progrida. A Pulsão pode ser um desvio do Instinto. O Humano perdeu a capacidade de reagir equilibradamente e agora precisa de suportes que o façam reagir. Acesso ao simbólico. Uma atraso na reação. O atraso recebendo o nome de “estou pensando”. A Pulsão é um desvio da ordem. Imergimos no Caos e lutamos para organizar o casos civilizatório. E a isso chamamos progresso. Passa a ser fonte obrigatoria, por falta da natural, - de prazer. Mas que prazer será esse?

Cito Garcia-Roza,

Acreditamos que o ser vivo em suas formas iniciais, embora organizado, não apresentasse padrões fixos de conduta (que seriam os instintos), mas que aquilo a que chamamos de vida consistisse num impulso anárquico produtor de encontros ao acaso. Desses encontros resultariam formas complexas, algumas eficazes (no sentido de serem autoconservadoras) e outras ineficazes. (GARCIA-ROZA página 18).

O Instinto é a fixação dos caminhos de resposta imediata. Seria a fixação dos conjuntos pulsionais, invertendo o pensamento? O que importa para este trabalho é que em situação de origem biológica a repetição leva à *fixação de caminhos*. Caminhos por onde a captação do estímulo passará repetidamente, refixando-se. A complexidade se dá com a aglutinação de novos elementos biológicos com suas respectivas fixações e, este conjunto, para preservar-se, tem de forjar uma outra contraparte de “fixações” e assim sucessivamente.

A preservação, mantendo o critério de acasos, não se dá por que o organismo “quer”. Se dá por que há condição ambiental, natural, local, para se dar. Necessidade e Função.

Exemplo: Um organismo que fagocitasse outros faz ataque a uma colônia. A colônia percebe e foge. A área de fagocitose tem, digamos, 10 cm quadrados, todos os organismo que permanecerem nesta área serão fagocitados e sumirão. Os que estiverem na frente, mais distantes, ou que mais rápidos fugirem da área, não. Os organismos que surgirem dos remanescentes serão organismos que herderão a velocidade do anterior e manter-se-ão preservados. Serão bons fugidores. Mas isso acontecerá por estarem à frente uns ou por serem mais rápidos e tiverem mais cílios que outros? Puro acaso. Da mesma forma o organismo fagocitador, que não conseguir se alimentar adequadamente, poderá morrer de indigestão e desaparecer do mapa biológico. Puro acaso. Vontade de deus. Na verdade as duas frases se confundem.

A impressão é que o mundo sempre esteve numa ordem e acabou no desvio. Este trabalho afirma que o mundo é sempre DEVIR, sempre dramático, sempre em movimento. Dentro desse movimento o Humano (maior interferente na malha volumétrica da PHÝSIS) é quem tenta,

favorecendo o menor esforço, colocar tudo numa forma civilizatoria. No entanto esta atitude desloca grandes eixos da PHÝSIS sobre os quais o Humano não tem controle.

É no âmbito da Pulsão (per/versão) que se dá a expansão. Esta Pulsão que busca a satisfação no mundo que o Humano constroi o leva à morte. O Instinto é de reação para preservar. A Pulsão é só atividade e o Humano encontra nisso obra de gênio. Mas, de certa forma, a Pulsão leva à morte e leva à ordenação, à cosmicidade do inanimado. Ao repouso que o Humano procura na constante tentativa de adequação ao novo mundo, através da compensação com a tecnologia e a brincadeira de criar formas de vida. Quando se atinge o total e completo estado de equilíbrio é por que o corpo morreu.

Podemos dizer que não há comportamento humano mas atos humanos e esses atos eclodem a cada momento em função da necessidade de adaptação e em função da alteração da função cerebral que esses atos instigam. Retroalimentação, por assim dizer. Feedback e reação.

SEMÂNTICA?

Estudiosos propõe tres caminhos a serem seguidos ou escolhidos: ato de ostensão interior, derivações operacionais, e rede de leis. O significado dos termos derivam desses caminhos.

O exemplo do caso de ostensão é mostrar para a pessoa a imagem do objeto estudado e dar-lhe o nome, juntando até alguma característica como por exemplo apontar um bloco de gelo e dizer “isso é um bloco de gelo, é frio”. O vocabulário da pessoa (em geral criança bem pequena), se amplia ao mesmo tempo que ela liga um tipo no outro. Quando o exemplo é mais

subjetivo como dor, por exemplo, há que se levar em consideração que esses valores devem ser conhecidos pelas suas expressões circunstanciais como raspar a mão sobre a área, juntando a isso a 'facies' que se apresenta no ato ou algum som que a pessoa fará. Quem bem observar verá que a criança, no início, repetirá o movimento sem ter qualquer tipo de dor, apenas por mímica. Mais tarde fará a relação entre os tipos. O maior diferencial estará na qualidade da dor ou coceira mas esta expressão de qualidade permanecerá por conta do indivíduo. É individual.

Ainda na questão da dor sabemos que há níveis diferentes de dor e há níveis diferentes de respostas o que significa que a tudo as pessoas são diferentes e, mesmo, indiferentes, e respondem diferentemente a cada estímulo. Há estímulo que se responde por vício social. A sociedade manda responder desse ou daquele modo a certos estímulos. Tudo é uma questão de domesticação.

A questão me parece uma brutal preocupação com as relações do ato e certa disposição mental ou estado mental. Há que se pensar que muita atitude tomada o é por ação automática, em função de que seus caminhos de respostas estão em estado de repetição constante, portanto, facilmente acessíveis. Quanta vez a pessoa toma uma atitude em função do estímulo errado, apenas pelo fato de que sempre faz o mesmo ato? Por vício? E, depois, em resposta à atitude errada já tomada (que se torna outro estímulo) refaz a atitude? É necessário lembrar que os exemplos dados sempre se referem a esse ou aquele estímulo (como se fosse um de cada vez e grosseiros), mas é certo que são milhões de estímulos ocorrendo ao mesmo tempo, no mesmo instante, na integridade do corpo, desde estímulos físicos, químicos, físicoquímicos, elásticos, biológicos, que liberam resultantes que darão o mote da resposta. Sem contar o gradiente de qualidade de cada estímulo. Sem contar a disposição ambiental. Isso a todo momento,

infinitesimal momento, passagens de tempo tão rápidas que nunca as perceberemos senão quando já passou ou pelo resultado dado, mas outros milhões de estímulos/respostas vêm em seguida e temos a sensação ou a ilusão de que estamos a racionalizar ou pensar ou raciocinar sobre o fato. A ilusão de que pensamos.

Podemos afirmar que à medida que a criança se desenvolve ela sente e associa sinais e sintomas a essas sensações mesmo que não denominadas ou expressas. Para cada uma delas, diferentemente, sinais e sintomas serão respondidos de maneira qualitativamente diferente. Ratifico o poder da diferença. É o poder da diferença que premiu o botão da seleção natural. A cada sinal e sintoma se foram conectando e associando atitudes e movimentos que se padronizaram à medida que a criança se inseriu na sociedade. Mesmo que a mãe levante o braço para pegar algo sobre o armário, se a criança estiver por perto ela abaixará a cabeça, acostumada que está a tomar tapas na cabeça. Processo de domesticação com resultado imediato. Ainda bem que isso não dura para sempre.

Dai caímos no terceiro caminho que é o da rede de associações e todo tipo de explicação a certos fatos está inserida no campo dessas redes. As explicações científicas passo a passo estão inseridas nessas redes. A receita de bolo bem detalhada pode seguir o mesmo caminho ou método.

REDE DE ASSOCIAÇÕES

Acredito que a dedução de fenômenos e julgamentos sobre o que ocorre nos outros se dá por que é atitude de expressar o que vai conosco de maneira mimética. Quando o mesmo lote de sinais e sintomas aparece no interlocutor nós o podemos julgar de acordo com o mesmo lote similar

(similar no limite da nossa visão) que ocorre conosco. Ao longo do tempo milhares de gerações tentam explicar o que se vai conosco. Esse saber se acumula e é passado como educação construindo o saber comum, a psicologia popular. Mais se acumula à medida que o fixamos. O fixamos com repetição oratorial, com tábuas de barro, com livros, com dados num CD.

Quando o primeiro humano da caverna, observado pelos seus pares, bateu uma pedra na outra e dali saltou uma lasca de fogo que queimou sua sobrancelha, ali começou a série de coleções de sinais e sintomas e atitudes que fizeram os fundamentos da psicologia popular e senso comum.

Quando a primeira mulher saiu da caverna para construir o mundo e se viu passando mal, vomitando, com a barriga em crescimento, percebeu que deveria voltar para a caverna ou seria alimento de tigres.

Sempre que a lasca pular no meu rosto minha reação será como aquela que eu observei. Reagirei da mesma forma.

Das tres maneiras há de se construir uma rede de significados. E cada rede terá significados qualitativamente diferentes uns dos outros. E temos que levar em consideração que essas experiencias formam um arcabouço teórico popular sobre as reações aos estímulos desde nossa mais tenra infância cavernícola. Na alvorada do Humano, como cita Kubrick através de Arthur Clark na abertura do 2001, uma Odisséia no Espaço.

E a relação disso com o problema mente/corpo?

Onde se inserem as ideias de identidade, funcionalismo, dualismo e materialismo monista? Essas teorias, arcabouços de pensamento esperam

por uma nova trilha que provavelmente a neurociência poderá abrir. Está abrindo, ao lado da psicologia cognitiva e da inteligência artificial.

INTENCIONALIDADE?

Visar a que? Supor, desejar o que? Observar, suspeitar, ter aversão a que?

A humanidade? Populações? Indivíduos? As ações coletivas não geram resultantes sociais?

Ter conteúdos ou significados pode ser apenas ter atitudes reativas rápidas e precisas, de acordo com a genética de cada um. Ao nascermos um código se expressa e concomitante ao nascer este código vai atuando numa co/interação evidente. O genótipo mais o meio ambiente (e a miríade de informações que daí advêm) formam o fenótipo. O fenótipo atua sobre a sociedade e a civilização formando outro grupamento fenotípico. O segredo é sempre a inter/relação dos grupos. E inter/relação não significa suporte ou coligação. Pode ser conflito.

É possível afirmar que a observação humana (o Humano tem olhos é por que os olhos se foram desenvolvendo, pasmemos, para olhar e captar sinais, - tudo isso como produto que o organismo adicionou a si para preservar sua condição sobre a Terra), esta observação humana tem a capacidade de simplificar aquilo que a matemática consegue no âmbito da complexidade ou do acurado. Onde a psicologia popular chuta uma ideia de altura a matemática declara '2 metros'. Ao observar o peso da caixa a ser levantado o Humano contrai sua musculatura numa aproximação da possibilidade de carregar aquele peso; a balança diria 'são 100 kg', e não há como carregar nos braços. Podemos ver que há uma rede de pressupostos; podemos ver que há confluência. Da mesma forma que

‘estados físicos’ têm suas relações de proposição sobre o assunto em pauta, da mesma forma, digo, os ‘estados mentais’ o podem também, em se contando os bilhões de neurônios e inter/relações cerebrais.

Por que podemos aceitar um e não aceitar o outro? Será tudo questão de aceitabilidade e humildade?

Dia desses conversando com pessoa amiga ela relata que o estudante de Filosofia deve ser muito inteligente por que é muito difícil... eu interferi e disse... ‘não é nada disso. A questão não é essa... acredito que seja pessoa propensa a receber estímulos ou ter a capacidade de aceitar as possibilidades’, então eu disse para ela: ‘Vamos partir para um exemplo... começaremos com a possibilidade de que deus não existe’... ela imediatamente disse que não, que não poderia pensar numa coisa dessas, que iria para o inferno...

Ou seja, uma questão de aceitabilidade, de livrar-se dos velhos fantasmas, talvez ganhar outros fantasmas mais maduros talvez. É dessa forma que dogmáticos podem até ser professores de filosofia, dentro de seus sistemas cooperativados, mas não filósofos.

PULSÃO E REPETIÇÃO

Migramos para o começo dos tempos na matriz materna. Campo da infância, campo embrionário, campo zigótico. Estarão aí os exemplos donde surgiram as reminiscências platônicas? Serão verdades esquecidas e essas verdades estarão relacionadas a que situação absoluta? Sair da caverna é sair do útero no nascimento? Ou serão reminiscências do equilíbrio e paraíso perdidos? Eu/Zigoto estou em equilíbrio com o meio ambiente em que vivo

enquanto me desenvolvo. E me desenvolvo de acordo com um código que, aleatoriamente, por acaso, fundiu-se advindo de dois códigos ARN oriundos de duas células que, também por acaso, brotaram de eclosões do interior de um óvulo e da produção espermatogênica dentre 60 milhões de espermatozóides. Dentro de encontro fortuito entre duas pessoas, o casal, há ainda o encontro do único espermatozóide que encontrará o único óvulo. Tudo isso por acaso. Raridade o caso de gêmeos iguais. E que dizer de gêmeos diferentes? Acasos.

Uma vertente religiosa diz que a fecundação é ato construído por mentes superiores. Nesse caso digo que não precisaríamos de 60 milhões de espermatozóides e nem que estivessem ali a cada ejaculação. Caso tais mentes arquitetassem racionalmente a caso bastaria uma célula de cada lado.

Ninguém pode participar de qualquer discussão afirmando que este óvulo ou aquele espermatozóide foram escolhidos por decisão divina para que seguisse essa ou aquela trilha fadista. Pra que tanto óvulo ou espermatozóide, então? Resposta: A Natureza tem que ter certeza de que vai dar tudo certo. Isso não seria argumento para um deus cômico de si. É evidente que a Natureza, no amplo espectro tecidual isocórico da PHÝSIS, assim procede para garantir a multiplicação de seus componentes e de suas espécies. Mas, não procede por ação inteligente, mas sim por repetição.

A repetição do ato do paciente freudiano pode dar uma pista de que o cérebro, em si, constrói seus caminhos. Ratifico que não é de uma hora para outra, e, é sempre ação que acontece em segundos, frações de segundos, micra de fração de segundos, algo tão rápido que nem mesmo os computadores mais rápidos conseguem alcançar, essa coisa do pensamento e esses caminhos buscados; tais caminhos serão sempre usados e da mesma

forma usados, repetidamente da mesma forma, até que um ato do acaso o venha descarrilhar. Ao longo do crescimento esses caminhos são construídos e estabelecidos e vivenciados (tudo isso ocorrendo na micra de fração de segundos, o tempo todo sugerindo idéia de perenidade. Afirmamos que não há perenidade em nada. Como o caminho perdura parece que ele É, mas, sugerimos que ele ESTÁ, é momentâneo, mesmo que eterno, posto que é chama, e, cessa de estar quando da morte do corpo biológico; é perceptível que os caminhos se vão diluindo à medida que o ser humano envelhece. Tais caminhos são as suas possibilidades de interação mínima com a natureza).

Desejamos manter a idéia de Pulsão e Repetição advindas do pensamento psicanalítico pois acreditamos que parte do mistério pode ser desvendada quando se valorizar adequadamente a atitude neurocientífica. Acredito também que mostrará novos caminhos para o pensamento psicanalítico (certamente este mudará de nome) que já era mitologia para Freud e pode se tornar em dado científico utilizável de outro modo. Uma contribuição, enfim.

O Humano considerado normal usa e abusa da repetição para manutenção de sua vida sobre a Terra. Isso é considerado normal. Criou a civilização para preservar sua vida e evitar a morte certa. Isso é considerado normal. Os seus métodos de preservação da vida tornaram-se complexos a ponto de ser criador e deus de suas pobres criaturas (automóveis, computadores, TVs, que substituem os pés que andam lentamente, o cérebro que faz o que ele não consegue, e as TVs que vêm mais longe do que os olhos, seletivamente). Com a descoberta de detalhes do genoma abre-se o leque da criação humana ou, no menos, da interferência na biologia do Humano, fabricando opção. A nosso ver, o humano, a cada dia, se distancia mais do antigo e primitivo equilíbrio. Mas este estado

desequilibrado é considerado o status normal do Humano hoje. Para aquele que por descuido ou acidente (acaso) começa sozinho, fora do meio social ou alheio a ele, a construir uma nova realidade, sobra o rotulo de louco ou, no mínimo, neurótico.

A repetição nos dá a percepção de que a realidade é cósmica, ou seja ordenada, organizada. A repetição é característica da Pulsão. A Pulsão, e quem afirma é Freud, é impulso inerente à vida orgânica (Freud toma isso como especulação), com o sentido de restaurar o estado anterior e, ainda segundo ele, no sentido de voltar ao estado inorgânico, mas eu diria de retornar ao estado em que havia equilíbrio com a PHÝSIS, donde o Humano originalmente partiu antes de adquirir este formato atual de Humano. Quando não era mais do que lama. Lama que aglutinava densidades diferentes de lamas variadas, de húmus de gelatina ou sopa orgânica primitiva. Mas, é certo que 'ao pó voltarás', então a busca do estado original inorgânico sugerido por Freud.

Teremos um novo caráter da Pulsão, contrariando o que já foi dito acima... o caráter conservador da Pulsão. O organismo já não caminha no sentido da mudança, no sentido da produção de diferenças, mas sim no sentido de resistência à mudança. A mudança se dá por acaso. E, quando o organismo começa a interferir na PHÝSIS, ele se auto alimenta de mudanças. Uma sua parte de organismo primitivo obedece à Pulsão, enquanto outras partes obedecem ao efeito de mutação. A crise se estabelece. Freud ainda diria '... somos compelidos a dizer que o objetivo de toda a vida é a morte.'

Diz García-Roza:

"Se a vida é entendida como perturbação de um equilíbrio estável a que se reduzia a matéria inanimada, nada mais

natural do que admitir essa tendência no sentido de recobrar o equilíbrio perdido. [...] a Pulsão de vida teria o objetivo de cumprir esse caminho natural para a morte. O objetivo da pulsão de Vida não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que ela ocorra de forma não natural” (GARCIA-ROZA, página 25).”

Este estudo da Pulsão via psicanálise serve para dar fundamento ao fato de que o orgânico tem atuação preponderante na construção do Humano e de suas atitudes e de seu cérebro. Tudo gira em torno do orgânico/biológico. O organismo deseja morrer a seu modo. O Humano que eclodiu dessas interações por acaso faz de tudo para não morrer.

A repetição é a repetição do mesmo, do idêntico e muda à medida que o corpo humano muda. Um exemplo de apelo à repetição, já natural em nosso modo de ser orgânico/biológico, e se reflete no Humano atual, é que a repetição da mesma história que contamos a pedido da criança. O “mental” é reflexo do biológico. A segurança proprioceptiva da pessoa se dará pela repetição. Pela solidez do objeto repetido. A criança se compraz mais com a repetição pois o organismo/biológico está em formação e é compelido a fixar pela repetição. O adulto, já devidamente civilizado, com seus caminhos estímulo/resposta já estabelecidos, deseja o novo, a novidade, tem a ilusão de que prevê o fim, mas na verdade, ele já sabe certamente do fim pois o estímulo já foi e já voltou ‘n’ vezes e isso o compele a dizer ‘eu já sei’, e entra em tédio. Sabe que vai morrer.

CIÊNCIA?

Temos dois pontos: 1) Como saber se outros organismos vivos, além de nós, têm consciência ou mente funcional; 2) Como é que nós temos acesso imediato ao que pensamos ou sentimos?

No primeiro caso o problema das outras mentes passa pela nossa. O que temos delas se baseia no comportamento do dono de cada mente. Logo, são inferências limitadas donde tiramos conclusões miméticas observando apenas uma parte, que é a parte comportamental. Tendemos a simplificar e generalizar. Se houve um comportamento C é por que há uma atividade mental ou estado mental E.

Por analogia o que acontece com outros seres é o que acontece em nós, já que muitos Humanos são similares a nós. Mesmo assim apoiados em dados simbólicos ou representativos. Formas de comunicação. O mesmo vermelho que eu vejo é o mesmo que o daltônico vê? O vermelho não muda, o que muda é a competência para ver. Ou estamos aqui comparando frequências de vibração de cor? Mesmo que o daltônico não distinga, à primeira vista a cor em questão, ao se medir a frequência da cor ou ele comparar a uma tabela que as indústrias fabricantes de tinta têm, como faz meu amigo Renato Cunha, especialista em cores de tinta, ele muito bem sabe distinguir uma cor da outra pela gradação das nuances. Com a repetição o daltônico formará outro padrão.

No segundo caso estamos no espaço da autoconsciência. Conhecermos a nós mesmos. Parece uma atividade constante de apreensão dos 'estados físicos' e dos 'estados mentais'. É claro que o arsenal de conhecimento se vem inferindo desde a fase zigótica, como repetimos várias vezes aqui, e, se vai aperfeiçoando após isso, com a experiência ou experimentos repetidos e adquiridos. Empirismos constantes. A origem do conhecimento é empírico. Conhecimento não é forma acabada é processo.

Uma autoconsciência é muito diferente da outra e especializada em caminhos diferentes. Mais ou menos acuradas. Mais ou menos especializadas. Cada uma seguindo o caminho que lhe é possível.

Para o maestro é perceptível a especificidade das notas de um trombone na sinfonia. Para o mestrecuca o sabor do gengibre no meio da massa do bolo sabe bem. Para outras pessoas esses detalhes passam sem que os afete necessariamente. São atributos aprendidos. Para isso somos obrigados a dizer que vários tipos de atividade do cérebro estão conectados a muitos outros, formando a rede de associações. A humanidade chegou a isso seguindo o processo de seleção e evolução (quando digo evoluir não digo que tenha ficado melhor; digo apenas que seguiu e mudou para adaptações que mantivesse o organismo vivendo e aprendendo com essa circunstância). Da mesma forma que quase todo o trabalho físico do organismo não é refletido para existir (o bater do coração, o movimento de respiração) pois são propriorecebidos, podemos dizer que o Humano tende a formar arcabouços na vida diária para não precisar re/experimentar a cada vez que passar pela mesma situação. Normalmente não há tempo de vida útil para formar o arcabouço. Tempo suficiente como houve quando o ser era apenas embrião. Quando o humano consegue formar tais arcabouços novos em vida, provavelmente é um iogue e nada mais faz do que controlar batimentos cardíacos ou sentar no gelo.

Chagamos ao ponto que falar de 'estado mentais' é teorizar. Tudo que se relaciona a 'estados mentais' e trabalhos cerebrais está teorizado. A criança está imersa numa confusão de informações e começa a formar um arcabouço, um padrão, uma seleção de informações para estabelecer o paradigma conceitual ou teórico, em função da sociedade em que vive, para observar o mundo. Podemos dizer que os 'estado mentais' são estados teóricos. São instâncias idealizadas para se poder falar sobre.

MÉTODO

Ao longo da história, para se falar da mente e suas conjecturas mais importantes para o dia a dia, seguiram-se alguns métodos e vamos citar os que Paul Churchland sugere.

Idealismo: para uns o mundo, simplificando, é sonho coerente. Se o mundo é seu próprio sonho chamamos de idealismo subjetivista. Se o mundo for o sonho de deus, compartilhado por todos, é idealismo objetivista. De qualquer forma, idealismo.

Fenomenologia: (sempre em simplificações) o mundo que experimentamos é um mundo construído. Construímos, inclusive, construções concepções intrincadas e representativas do mundo. Não que sejam corretas mas são, durante um tempo, funcionais, como é o caso da psicanálise. Não é mundo. É representação do mundo. Cada povo com a sua representação e cada pessoa com a sua maneira de viver a representação.

Behaviorismo: Avançando em terrenos de psicologia, contra o dualismo cartesiano, pretendeu seguir a evolução científica similar ao que acontecia com a física, com a química e outras ciências. Veio retrocedendo em importância, pois outro valor mais alto se alevantava, pedindo licença ao mestre Camões.

Cognição/Computação: A inteligência artificial (IA) e psicologia cognitiva formam novo arcabouço, dentro do campo funcionalista. Tendem a explicar formulando a tese do 'portamento de informações'. Da mesma forma que o fio de cobre porta uma energia que é lida por aparelho adequado. Assim será o cérebro humano já mapeado em seus campos de reações. Relações sistemáticas regidas por regras. Lerá o que lhe for adequado.

Teremos em mente que o sistema biológico/humano é portador de complexidade ímpar e nunca será tomado, mesmo quando há exemplos, como um roboto, um autômato, ou calculadora eletrônica.

Os exemplos são para efetuar a facilidade na comunicação.

A meta da psicologia cognitiva é explicar as atividades que constituem a inteligência. Há que se explicar as entradas e saídas (In/Out) do sistema. Terá que dar conta do Grau de Discriminação que o organismo é dotado. A análise do hardware do sistema. O sistema humano orgânico/biológico é complexo em demasia. Ele mesmo, em si, é barreira para entendimento, daí as simplificações que se fazem ao longo dos séculos a título de didática e para evitar o enlouquecimento. O sistema evolutivo também criou sistemas de controle alternativos. Lembremos que a meta é manter a vida vivendo, enquanto se sabe que o sistema orgânico/biológico, também, por propriocepção, sabe que vai morrer.

Num caso de descrição das ações da pessoa inteligente ela faz e depois se pergunta como que é aquilo pode ser feito. De outro lado temos o inverso, onde atividade cognitivas não são mais do que atividades do sistema nervoso. Da mesma maneira que se aceita que o nariz recebe sensações olfativas e que o tato recebe as tácteis, o sistema nervoso coordena o motor e coordena a cognição advinda destes outros sistemas receptivos.

UM NOVO CAMPO

Entramos, portanto no campo da neurociência.

Hipócrates sabia que cérebro degenerado levava à insanidade. Galeno distinguia o sensorial e o motor.

Para atrapalhar as autoridades religiosas proibiam dissecação *post-mortem* do corpo humano o que impediu, em séculos, o avanço da neurociência, e, permitiu, em séculos, o avanço da superstição e domínio do imaginário puro. Coisa que lhes interessava ou não venderiam entradas

para o Céu. Assuntos como microestrutura e microfunção tiveram que esperar o avanço da microscopia. O que nos faz entrar no século XX e ainda tatear no XXI.

A arquitetura neuronal está estabelecida num universo de 100 bilhões de neurônios. Não é apenas uma massa cinzenta de 1 cm. Uma dica: Pegue uma casa de 2 andares, pequena, encha com grãos de areia grossa. É por aí. Em torno de 100 bilhões de grãos de areia grossa. E cada neurônio se conecta com outros neurônios (cada grão com outro grão) através de dendritos e axônios que chegam a 3000 conexões inter/neuronais, elevando o número de conexões à ordem dos trilhões.

A ética impede a pesquisa no vivo. Há sérias pesquisas nas mesas de cirurgia e nos mortos. Mas, para que haja algum estudo claramente definido usa-se o animal menos complexo. Exemplo de estudo: toma-se uma lesma-do-mar que tem 10 mil neurônios. Tal rede já foi totalmente mapeada. Fato.

O que se mostra: antes de transformar o Humano em um boneco repetidor de atividades, na verdade a neurociência está elevando em seu conceito máximo o cérebro do animal superior e mostrando claramente a fonte de tudo aquilo que poeticamente chamamos amor, desejo, afeição e que podem ser lidos de outra maneira. A poética já é a forma de dizer aquilo que é complexo, enigmático, sutil, imaginário e está velado. A neurociência pode desvendar muita coisa e a poética terá de tratar das afeições trazendo o estudo para o campo da realidade. Bastante aí já é a contribuição da neurociência para as artes.

I.A.

Leibnitz construiu um aparelho que calculava. Supunha que seria possível elaborar uma linguagem lógica para outros aparelhos, isso tudo em

idos de 1600. Cem anos além De La Mettrie pensava que a atividade vital estava na matéria e, não em um princípio externo. Era coisa puramente das virtudes biológicas; ainda afirmava que toda a atividade mental derivava dessas atividades vitais. Contemporâneo de La Mettrie, Vaucanson construiu estátuas pneumática simples e artificiosos patos de cobre. Uma das estátuas tocava flauta como alguém que sabe pouco tocar. Babbage construiu um aparato que executava todas as operações elementares da lógica e da aritmética. Uma espécie de pré/calculadora. Isso tudo nos conta Churchland.

Eram dispositivos puramente mecânicos.

Na segunda metade do século XX vieram os computadores após dezenas de anos de evolução científica no campo do magnetismo, do eletro/magnetismo, da química, da física, da biologia. E, se queremos um pouco de lama ou barro divino nisso podemos citar silício e a cerâmica.

Pulando detalhes sobre Hardware e Software temos hoje o que o corpo, CPU, da máquina está aí e é corpo passível de uso geral, inclusive ampliações de memória. O Software é o programa que comanda as ações e ainda pode inter/relacionar (interagir?) com outros programas abrangendo em atividades gerais a máquina.

Diz nos Churchland,

"Se um determinado computador satisfaz certas condições funcionais, então ele é uma instância do que os teóricos chamam de máquina universal de Turing (assim denominada em homenagem ao pioneiro da teoria da computação Alan M. Turing). [...] ... para todo e qualquer procedimento computacional bem definido, uma máquina universal de Turing pode simular uma máquina que executará esses procedimentos. Ela o faz reproduzindo exatamente o procedimento de entrada e saída da máquina está sendo simulada. (CHURCHLAND, página 170)."

A questão não está em se saber se o computador pode executar operações e simular comportamentos produzidos por animais naturais. Nem

interessa. A questão é saber se o sistema nervoso, sistema neuronal é procedimento computacional similar.

Primeiro devemos aceitar que o progresso científico ou filosófico não se deve a inspirações únicas e geniais de uma noite de fúria. Tudo segue a processos que levaram séculos para se aperfeiçoar de modo que todas as fichas que caíram, - as intuições que funcionaram a tempo, de acordo com alimentação de dados recebida a cada ato cognitivo, que cada cérebro recebeu na sua vida, - resultasse em respostas que satisfizeram as questões ou a manutenção da vida.

Tomemos o golfinho cuja inteligência é diferente da humana e de qualquer outro animal pois cada um desses tem respostas e estratégias e necessidades diferentes. O Humano tem que ficar em pé, apesar de abusar do sistema de giroscópios que possui para se equilibrar num planeta de gravidade instável. Os golfinhos usam um sistema de sonar em vez de olhos, portanto, usa 'invasão de observação', apesar de não definir as cores, pode muito bem 'entrar nos objetos' já que objetos são permeáveis ao som.

Cada organismo vivo sobre o planeta terá a evolução que precisa, dentro de suas necessidades. Em nenhum momento se mostra que o Humano ou qualquer outro animal nasceu pronto. Na verdade essa afirmação é contra senso e ofensa aos Humanos e aos animais que durante milhões de anos lutaram contra a adversidade para verem surgir seus melhores dentre os melhores, tentando permanecer em equilíbrio com a PHÝSIS e fugindo dos acidentes e das ações do acaso. São comportamentos orientados para finalidades e para a resolução de problemas. Manter-se vivo é um deles. Manter-se vivo e bem é outra questão. Proteger seus pares, uma outra mais.

RAMIFICAÇÕES

Na programação dos computadores o designer inteligente impõe caminhos ramificados de 'sim' e de 'não' onde se pode caminhar até a finalidade e acertar o caminho. Em função da rapidez de cada processador se pode prever, numa ação de simulação (profecias?) o caminho a seguir e previamente não fazer escolhas mas acertar o único caminho possível.

Só se faz escolhas quando não se conhece o caminho.

Uma vez conhecido não há mais escolhas.

Dois computadores iguais que jogassem um contra o outro sempre empatariam, a não ser que o resultado dependesse de quem comesse o jogo. A neurociência sugere esse sistema de ramificações para os trabalhos neuronais no momento do 'estado mental' de pensamento, e, tomada de atitude.

A máquina programada tem a meta que é vencer. Ela foi programada e tem dentro de si inscritas as possibilidades para vencer, seja o jogo ou a confecção de um trabalho de cálculo ou o modelo de uma roupa.

O Humano, após eclodir na superfície do orbe, se vai sempre programando, programado há milênios, reprogramando-se, centenas de milênios em ação, tem a meta contínua de sobreviver e, agora, de vencer a morte, manter a vida e é obrigado a criar ou ver as possibilidades que há para isso. As possibilidades já existem. O Humano tem que buscar o caminho e ramificações para atingir a meta.

Como o computador é feito à imagem e semelhança do Humano sua maneira de ser depende de que seja continuamente desenvolvido. Como o Humano é infinitamente mais complexo houve consenso em trazer para a máquina apenas parte das necessidades humanas, como por exemplo, o cálculo rápido, autômatos de força para levantar pesos com direção "inteligente", seguindo por aí. Quando o problema tem solução tais máquina são efficientíssimas. Nós, humanos, na questão da criação ou não do universo lidamos com problemas que não têm solução. A programação

filosófica recebida ao longo dos anos nos deu noção de crise pessoal na eterna busca dos princípios. Só terá crise pessoal quem esperava dormir nos braços do pai, na eternidade, cercado por anjinhos. O mundo onde tudo depende do Humano dará maior responsabilidade a cada um; o que não quer dizer que cada um assumirá sua responsabilidade pois vemos que as pessoas fogem de assumir tais pesos. Aliás, cada um só assumirá aquilo que lhe for necessário e que lhe der adequação às novas situações e nada mais. O resto é inter/relação dessa situação entre os bilhões de habitantes do planeta e a malha volumétrica de trocas e alimentações que a PhýSIS alterada permite que haja.

Nem cabe aqui julgamento moral algum pois as pessoas só podem fazer o que podem e o que a necessidade os obrigar fazer.

Mas, voltemos à árvore de ramos da ciência computacional, quiçá biológica humana.

A escolha das possibilidades num jogo simples como o Jogo da Velha, se resolve com a árvore algorítmica. Mas num jogo como de Xadrez, as ramificações possíveis serão tantas que centenas de computadores juntos não analisarão as ramificações possíveis de tantas que são. Em vez de árvore algorítmica usaremos árvore heurística. A coisa tem que se desenvolver em nível prático e na coleta de dados de imediato.

Nesse caso é possível perceber que já não podemos impor como meta vencer. Demos ao computador, afinal o estamos programando, um número prático de possibilidades. Agora o computador vem para o jogo de Xadrez buscando metas intermediárias que possa alcançar com possibilidade de vencer, mas não a segurança de vencer. Mais ou menos como funciona o Humano. Logo, nesse campo há possibilidade de que o Humano jogue a partida de xadrez e ganhe ou empate.

Levaremos em consideração que a máquina não se coça durante o jogo e nem perde tempo ou atenção com ventos e brisas que se abrem através da janela.

Percebe-se que o nível de resposta a estímulos que o Humano recebe é bem superior ao da máquina? Percebe-se que essa quantidade enorme de estímulos internos e externos são a causa das nuances do comportamento e atitude humanos?

Lembramos de um pintor que perguntado onde ele encontrou a fonte de inspiração para pintar aquele tal quadro e ele respondeu que "havia retirado da vizinha que gritava, do cachorro que latia na rua, da dor de cabeça que ele tinha e da fome que sofria enquanto pintava o quadro recentemente encomendado. E ainda faltava certa cor de tinta e ele teve que se virar com o que tinha".

No sentido do aprendizado o sistema computacional artificial pode guardar na memória e quando se precisa da informação ou da situação similar tal dado é recuperado. Tais informações se dão a partir dos binômios 0 e 1 e as inter/relações entre eles. Uma cadeira ou lápis ou sentimento de amor estão lidos ou simbolizados através de sequências destes binômios. No caso humano, reitero, será a árvore e os caminhos facilitados da árvore, juntando a isso a prática repetida da busca do mesmo objeto. A diferença é que o Humano não tem espaço para guardar dados. A distância de tempo entre repetições do mesmo padrão darão a ilusão de 'memória guardada'.

O computador precisa de uma área física onde guardar a informação que recebe pois seu campo de estímulos é bem limitado e sua árvore tem ramificações sempre menores que a do Humano. O computador pode e deve ser mais objetivo pois a cadeia de estímulos é menor e sofre pouca interferência (talvez a queda de energia), enquanto o Humano, por sofrer diariamente a cada momento gradiente superior de estímulos, interfere em si mesmo, - sentando sobre a própria perna, por exemplo, - tende a ser

subjetivo na sua rede de relações, na sua 'memória', na sua capacidade intelectual.

Isso tudo para que ninguém mais diga que Humano e Máquina são o mesmo. Não são. A máquina humana é muito mais complexa e especial.

Dessa forma o Humano não precisa guardar na memória mas a todo instante, mesmo que de leve, a memória antiga é estimulada e a memória recente também, ou seja os caminhos são repassados e nesse repassamento se dá a presença do dado; quanto a isso queremos repetir que não há um espaço determinado para armazenar a memória, mas que estamos continuamente nos remetendo aos mesmos caminhos para atingir aquela informação que parece retida; e à medida que não o fazemos esta informação se dilui no Hard Drive do cérebro. A memória antiga é sempre lembrada portanto na pessoa idosa pois ali tem mais ramificações naquele sentido do que a que o idoso produziu recentemente. Sem contar a falta de necessidade e função da atualidade do idoso pois ele sabe, em sua propriocepção, que seus dias estão contados. Quem está acostumado com o estudo do novo, deve saber que a nova informação pode inverter a situação e o olhar sobre a realidade.

As máquinas fotográfica buscam a área onde existe um rosto ou sorriso. Imagine o mesmo aparelho sensório num autômato andróide (similar ao Humano na forma externa, sem qualquer necessidade disso), que faça a mesma coisa, e, sendo mais evoluído, e, bem programado, pode até responder "olá, como vai", ao reconhecer o seu proprietário. Isso é possível. Isso já existe. O autômato reage ao que vê.

Spielberg esperava época como essa para fazer filmes com atores já mortos, captando o todo das imagens que atrizes e atores do passado já haviam gravado em película; algumas inéditas de copião que nunca foram ao ar, recriando no formato digital, interligando as imagens escolhidas em filmes diferentes, fazendo emergir um novo filme, sem retirar a atuação de

cada artista. Evidente que o produto final não terá a 'intencionalidade' de cada artista, pois são cenas montadas e pré-gravadas. Mas não é o que fazemos a cada dia na repetição dos atos dentro da sociedade, da civilização? Atos que carecem de intencionalidade? Os filmes modernos, com atrizes e atores que estiveram presentes na filmagem, na sua repetição depois de pronto demonstra a intencionalidade da atriz e do ator e dos técnicos? E o corte na edição em que se mudam perspectivas e ângulos ou se muda a história, terá presente a intencionalidade do artista ou somente a do editor e diretor? E intencionalidade existirá, realmente, em função de que premissa? Quando há uma premissa impondo situações haverá intencionalidade; já não será isso a resposta à programação que mandará escolher esta ou aquela ramificação, ou, ainda esta ou aquela atitude prática (heurística) em função da meta a ser alcançada? Quando o Humano elabora seu programa de ação não será isso retro/alimentação para atingir a meta?

O programa ELIZA, de Weizembaum, aqui tomado apenas como exemplo, simula uma conversa entre paciente e terapeuta. O computador parece compreender a situação da paciente; na verdade não compreende coisa alguma. Ele toma as palavras-chave e manda perguntas ou comentários em função dessas palavras, tags, que lhe darão a dica do caminho a seguir. Ele, o computador, faz o que fazemos. Ele simula, pois nós simulamos. A criatura é repetição do criador. Neste artigo desejamos afirmar que com o Humano acontece o mesmo. O que ele tem mais, em relação ao computador, é um campo algorítmico e heurístico amplo e muitas pessoas trabalham, como meta, neste sentido de ampliar esses campos tornando-se especialistas na área. São os sábios, os professores, os mais inteligentes, os que se dedicam ao estudo e mantêm um ritmo de retroalimentação constantes; para se preservarem no ambiente em que estão.

A inteligência surge por acidente. Não há dom, nem inteligência, nem genialidade como se fossem virtudes dadas pelo divino. Trata-se de circunstância que é passada de família para família (mesmo que pule gerações mas Mendel explica) e é propriedade genética de cada pessoa. Eclode por acidente (Mendel explica). Não há que se vangloriar do acidente e não procurar dizer que foi escolhido para tal missão na Terra. A inteligência pode ser um erro.

A neurociência trará o Humano para o estado de humildade que nunca teve.

A neurociência tratará do Humano como Humano que é.

Churchland nos diz,

*Se (**quando**) as máquinas efetivamente vierem a simular todas as nossas atividades cognitivas internas, até o último detalhe computacional, negar a elas condições de pessoas autênticas nada mais seria que uma nova forma de racismo. (CHURCHLAND, página 193, rubrica e grifo do autor do artigo).*

A evolução levou bilhões de anos para criar a situação em que estamos e não serão em alguns anos que a ciência atingirá este marco, mas está bem perto, já dando uma ideia do que virá.

O que impedirá tudo isso será a verdade absoluta, aí sim, de que o Humano não é máquina. A máquina é similar e simula o Humano. Não há necessidade de que sejam iguais e nem que atinjam esse padrão.

Este trabalho deseja mostrar que a procura pela inteligência e nesse caso através do material que temos, a herança orgânico/biológica, é a única realidade a ser trabalhada, relegando ao Humano sua real condição de humano, ou seja oriundo do humus da terra, da lama, como poeticamente a Bíblia já nos contou.

A máquina veio da forja de metais. O ser humano, como Hefáisto ou Vulcano, vem forjando espadas e mecanismos para que deuses outros trabalhem e interfiram sobre a Terra.

REPETIÇÕES

A repetição não é generalidade, não é semelhança. É o oposto da generalização pois diz respeito a singularidade que não é substituível ou intercambiável, diz Deleuze, em *Diferença e Repetição*. Repetir é uma forma de se comportar, mas em relação a algo único e singular, que não possui semelhante ou equivalente. É uma espécie de levar a primeira vez em potência e não somar a segunda, a terceira vez à primeira. Faço questão de observar que os processos de replicação celular, a busca do seu descendente, geram o que chamamos de estado amoroso atual e a busca da replicação através do sexo por invaginação. Tal processo leva a seguranças na multiplicação. O componente sexual é o melhor repetidor. A repetição é constituinte sexual primevo e esta atitude é herdada pela totalidade do organismo.

A repetição se alimenta da Pulsão de Morte e já vimos a Pulsão de Morte com base e fundamento na biologia.

Freud mesmo se encarrega de materializar o estudo ao citar neurônios que inibem ou favorecem o acesso ao ego (Eu). Mas, ego (Eu), mesmo, entra no âmbito das entidades que passarão por superação ao estabelecermos que a mente não ocupa espaço, que a tríade ego, id, superego são referências meramente teóricas (Freud também afirma isso), que por ora explicam e ajudam a encaminhar casos. Por ora.

Ao reconhecermos que o corpo humano, todo ele, é corpo sensível, e, fonte de conhecimento primeiro; passível de coletar e enviar informações, entenderemos que a inteligência depende de todos os aspectos da sensibilidade; que o estado de inteligência é como o clima que se estabelece

numa situação. Um 'climão' onde a ficha parece ter caído, onde a intuição se mostra, a compreensão se faz pois a trilha seguiu a ramificação algorítmica correta, já bem treinada com o tempo e com a repetições.

Deleuze afirma que a repetição é de natureza simbólica. Mas, símbolo já é caráter linguístico atual, do Humano em contato com a civilização, res artificiales, - que ele construiu. O símbolo se foi forjando por repetição. Repetição do caminho a seguir pela árvore diretriz de procedimentos da programação que se foi efetuando no Humano. O Humano e sua multiplicidade de conexões é um organismo que se auto-alimenta numa rapidez inimaginável. E o processo acaba com a morte. É uma certa máquina com bateria muito extensa em sua potencia e continuidade.

Diz ainda Deleuze que o real é o que retorna ao mesmo lugar. Tomando essa frase eu penso que a PHÝSIS, representante do real, tende a retornar ao seu equilíbrio original e mesmo ela, que sofre as ações do Humano, luta para se manter em equilíbrio, ou voltar ao seu estado original.

GARCIA-ROZA nos fala que,

“O real é, portanto, essa presença silenciosa à qual diz respeito toda a prática psicanalítica, e que transparece ou se faz presente pelas máscaras. As máscaras não ocultam o real, fazem-no aparecer. O real está além das máscaras, dos disfarces, dos significantes, está além do princípio do prazer. O real está além da repetição, não por que seja contrário a ela, mas, porque a funda. (GARCIA- ROZA, página 52).”

Mas expliquemos. O real é portanto a presença silenciosa da PHÝSIS. Esta PHÝSIS, repetimos, é a malha volumétrica de energias/materia onde todos estamos inseridos e interagimos o tempo todo e a todo instante. O real transparece através das máscaras. E as máscaras são as construções do mundo civilizado. As construções do mundo civilizado são os modos que o

Humano tem de representar a si mesmo construindo novos pés (rodas), novos braços (alavancas) e novos corpos que funcionam sem cansar (robotos). Representações do Humano que agem sobre a PHÝSIS refazendo-a sem noção nem consciência (a destruição da natureza colabora para a tese da inexistência da consciência) e, essas representações são máscaras.

O real está além das máscaras. O real funda o processo de repetição que é um processo de manutenção.

Deleuze ainda fala que acontecimentos subsistem na linguagem, mas acontece às coisas. Os corpos são o lugar das ações e das paixões; os acontecimentos-linguagem são atributo de estado de coisas. De um lado os corpos. De outro lado os incorporais. Os primeiros são coisas com suas qualidades físicas e relações reais; os segundos, como atributos lógicos, são efeitos impassíveis. As Pulsões serão corpos ou acontecimentos-linguagem? pergunta Garcia-Roza. Freud fala que as Pulsões são marcadas pelo acaso, anteriores à ordem e lei. Acaso puro causador das ordens secundárias sendo que tais ordens entram no campo da limitação. Quanto mais limitado, mais ordenado. A Pulsão é corpo ou diz respeito a corpo ou ainda tem sua concomitância com o campo biológico.

À medida que o corpo se submete à cultura, à civilização, à linguagem, que ele mesmo vem construindo, inconscientemente, seu campo de ação se vai limitando e dá idéia de ordem; as origens da civilização é um corpo natural. O corpo natural é fundamento da cultura. A biologia é fundamento da psicanálise. Não tratará a psicanálise do acompanhamento da alma, por certo. O suposto dado do real na psicanálise é a relação da pulsão e a PHÝSIS. O mascaramento da PHÝSIS pela construção da civilização é causa do desequilíbrio que nos leva a eleger deuses e metafísicas para explicar o que está mascarado ou velado. O princípio do prazer agora depende de religiões e catarses pela fé.

O des/velamento tratará de mostrar que somos os únicos responsáveis por nós mesmos. Não agimos racionalmente nem temos intenção de nada. Somos respostas a estímulos imersos na natureza, respostas sempre irracionais, e desqualificados por erguer uma parede chamada civilização. Emparedamo-nos para nos proteger de nós mesmos.

NEUROPSICOLOGIA

Na atualidade os avanços da neurologia e neuropsicologia são admiráveis e amplos. É possível hierarquizar atividades em órgãos específicos, como o ocular, e mapear no cérebro as áreas de atividade. Possíveis, pois, nem sempre uma área de ampla atividade é correlata inteiramente ao que se estuda. Muitas vezes outras áreas difusas pelo cérebro enviam informações e colaboram na associação de motivos, como acontece com o a busca de dados no Hard Drive, busca randomica. A identificação de áreas motoras dentro da arquitetura cerebral é conhecida graças a Brodmann, seu descobridor.

Muitas vezes há disfunções cerebrais que não são aparentes funcionalmente, ou seja somente em seu sentido motor, mas a personalidade da pessoa envolvida passa por mudanças a que dedicamos alteração normal ao longo da vida. É normal que vítimas de derrames imperceptíveis e diários acusem mudança de personalidade tornando-se de déspota em pessoa afável. Isso é muito comum. Como o acidente é em nível de microtextura, da qual não temos a menor chance de perceber, - dizemos que é em função das 'coisas da vida'. Quantos de nós não juntamos o que vamos aprendendo ao longo de nossas vidas com a decrepitude natural do corpo humano e não dizemos que se trata de sabedoria do idoso? Já se relatou caso de jovens que, alérgicos a determinados fungos sazonais, em áreas geográficas específicas, quando atacados pelo microscópico fungo passam a ter facilitação no processo de se apaixonar. E, detalhe, são jovens

que sempre se apaixonam por pessoas mais velha. Passada a estação some o sintoma. O quadro retorna ao que é estabelecido como normal.

O Humano está respondendo o tempo todo aos estímulos da grande malha volumétrica que nos envolve em termos de macrocosmos como de microcosmos, sendo que somos instâncias espaciais energéticas dessa malha.

Dentro desse amplo universo das estranhezas há relatos importantes sobre pessoas que desconhecem seus membros (mesmo estando pendurados a elas); pessoas que escrevem mas não conseguem entender o que escreveram; ou mesmo pessoas que têm campo visual mas andam pelo espaço como cegas, enquanto outras, com total perda do campo visual sabem discriminar o posicionamento dos objetos. Está claro que a malha de energia/matéria que nos envolve pode fornecer dados e receber estímulos também, que se associam e se relacionam. Pensamos que em tempos primevos o envolvimento com a malha era tal que o efeito borboleta era palpável. Estaria nesse campo da energia/matéria o que se relacionaria com o místico assunto das auras?

As relações entre neurônios se dá em nível químico. Substâncias químicas, - neurotransmissores, - estimulam e exercem ação sobre outros neurônios numa cadeia de uso e reuso dessas substâncias, produzidas e re/sintetizadas pelo organismo. A velocidade, constância, frequência com que isso acontece caracteriza a transmissão das informações que sabem muito bem ao código binário das máquinas digitais. Os dados são captados por órgãos próprios para isso (não se cheira com orelha); são transmitidos por fibras próprias para isso; e só serão reconhecidos e processados em órgãos próprio para isso. Com tanta coisa própria por que esperar que certas coisa só acontecem na alma ou numa mente extracorpórea?

Vê-se que é completamente desnecessário.

Caso algo venha impedir, retardar ou acelerar a transmissão o organismo sofre as consequências. Drogas podem acelerar os processos, como as anfetaminas, e outras, como o álcool podem diminuir a velocidade dos processos. Parece evidente que as alterações de consciência passam por tais processos cerebrais.

Por que a ação do álcool será mais forte do que a mística e infinita alma? Deveria ser o contrário.

Importante sobre isso é a proposta de que pessoa portadora de esquizofrenia, ou depressão ou mania pode ser controlada por drogas que regulam a produção natural das suas drogas internas ou que mesmo estimulem a produção normal e constante desses neurotransmissores reguladores. Pode ser pessoa vítima do desequilíbrio, acidental, das substâncias que trazem, em sua média, noção da normalidade dentro do meio social. O meio social é o agravante que não aceitará a disfunção. Ele reage.

NEUROCOGNIÇÃO

Como o cérebro representa o mundo? Como o cérebro codifica sobre estas representações e age sobre o mundo?

A neurobiologia cognitiva começou a se sustentar a partir do momento que o avanço tecnológico permitiu que se pudesse mapear o cérebro sem precisar invadi-lo ou mesmo depender de anomalias ou lesões. Além disso, o avanço da microscopia pode detalhar aspectos da rede neural. A pesquisa sobre neurotransmissores detalhou a atividade cerebral em função do alimento ingerido, em função das mudanças climáticas, em função dos processos metabólicos ao longo da vida da pessoa.

Como codificar o sabor, a cor, ou o aroma?

Um exemplo: na língua existem quatro (4) receptores para sabores e esses quatro receptores recebem estímulos em níveis diferentes, o que levará

a caracterizar cada sabor de cada fruta, por exemplo. Número e magnitude compõem o vetor de sensibilidade. Cada fruta terá seu padrão e cada padrão enviará em nível de pulsos e frequência para os neurônios captadores desses pulsos; seguirá, então, para o cérebro e terminais próprios, a característica pulsional da frequência determina que tal sabor é o do pêssigo e não o do limão. Junta-se a isso a ação do ambiente e outros estímulos que lhe dão garantia disso tudo. O contrário também é possível. No pacote de suco vem dizendo que o sabor é manga e tem a cor da manga e quando vai ao copo parece suco de manga, e ao beber a vítima acredita ser manga, sente o sabor da manga. Um sabor que não existe pois trabalhou-se ali com estímulos olfativos; além do que, não sendo manga (pois é artificial) não pode ter o sabor da manga. Evidente que tal vítima tem baixo senso crítico.

Em teste onde uma pessoa teve os olhos vendados e evitou sentir o aroma que viria do copo ela se sentiu incapaz de discernir sobre determinados sabores pois na verdade o simulacro do sabor não pode em nenhum momento atingir os mesmos receptores. Da mesma forma de outro modo os produtos que simulam sucos usam em vez de estimuladores do paladar o estímulo do olfato, como já foi dito. Muitos nada têm a não ser aromatizantes e ao contato com o aroma falso da fruta até mesmo os receptores para o paladar acabam acionados e, mesmo sendo material inócuo, a vítima jura que sente o sabor da fruta no suco.

Não há fruta, não há sabor. Há apenas a imagem estimulada e o cérebro responde a isso levando o dado por terminais próprios.

O caso da cor é semelhante e envolve 3 receptores. O caso do aroma é semelhante mas envolve 6 ou 7 receptores. Tais receptores já são, hoje, mapeados, mas a pesquisa continua. Um sabujo, - o cão, por exemplo,- tem 7 receptores olfativos e distingue entre 30 níveis de cheiros. Ele terá um espaço cheio de 22 bilhões de cheiros discrimináveis em torno de si.

Podemos ver que a qualidade das coisas e das ações e das sensações estão em processo de mapeamento em termos de frequência e acontecimento, nível de acontecimento, área de acontecimento, volume de acontecimento, tudo isso em torno de nós e nos envolvendo a todo instante. A tudo isso enviamos respostas que têm caminho interno ao organismo ou externo.

Causa e efeito? Está aí. Não necessariamente que venha de fora. Mas este 'fora' formulado é apenas didático. Sendo o Humano um organismo matéria/energia imerso no tecido universal que também é matéria/energia, as trocas de pulsos e frequência são, em todo momento, infinitos.

Não interessa se podemos fazer uma máquina pensar. A construção da máquina é apenas representação daquilo que nos vai pelo cérebro. Se a máquina atingisse um ponto em que pudesse elaborar percepções próprias ela nos diria: 'Este é meu criador pois me alimenta e me dirige em toda a minha vida. Sem ele eu não funciono nem trabalho. Sem ele eu não interajo com outras máquinas. Sem ele eu não existira.'

O Humano vem criando as máquinas à sua imagem e semelhança.

O processo de construção da Inteligência Artificial caminha nesse sentido, tentando construir redes neurais e milhões de sinapses necessárias. Isso tudo funcionará caso usemos programas e informações adequados. A tal da experiência do quarto chinês dá a clara noção do resultado das coisas caso haja erro de programação. Um bom programador teria colocado um chinês dentro do quarto e não o inglês, poupando até na obrigatoriedade do manual de símbolo em inglês. Depois, o campo de estudo é pequeno e em geral sempre se dá exemplo de computadores únicos. E se tivermos uma rede de computadores interconectados onde todos os computadores podem acessar dados do outro e se realimentar tanto de dados quanto de energia? E se nesses programas trocados entre eles houver programa para manutenção e programa para recuperação de programas? Não seria similar

ao organismo biológico trocando alimento, informe e ação sobre a matéria/energia, a malha, a força, o tecido que nos envolve?

Similar, mas não igual.

O reconhecimento de ecos no fundo do mar, com suas características de números e magnitudes (seus vetores específicos) levará discriminação e seletividade similar à capacidade discriminação que têm as baleias e golfinhos. Tais dados, neles, seguirão pela rede de caminhos possíveis já construídos ao longo de milhões de anos de suas vidas marítimas.

Talvez um dos erros, erro primário, de nossas conjecturas é pensar que tudo é novo para o Humano que nasce hoje. E não é. Com ele vem a árvore diretriz de suas ações para a sobrevivência inscrita em seu código genético animal... seleção de milhões de anos.

APRENDIZADO

Churchland nos fornece algumas pistas para a questão do aprendizado apresentando o exemplo do submarino e do sonar.

Um submarino tem missão de mergulhar e descobrir minas. Com o sonar, que emite um sinal e o recupera de volta, ele pretende saber das minas perdidas através da característica do eco que retorna. Mas há pedras que podem simular o mesmo eco. Como discriminar? Pois, com a resposta do eco correto há na lista de procedimentos a ordem de buscar a mina.

Ele propõe o teste prévio.

Numa situação segura espalham rochas e minas não explosivas para coletar ecos variados e formar um banco de dados. Como tratamos de máquinas elas precisam de um banco de dados fixos. No máximo tais bancos de dados farão associações e conexões com outros bancos de outras máquinas em terra e no mar. Cruzamos os dados. Mas, por ora, o banco de

dados, a memória, é fixa com aquele número de, digamos 50 padrões de ecos. Ecos bons, das rochas, e, ecos perigosos, das minas.

Depois se analisa, eco a eco a quantidade de energia sonora que cada um despende. Usa-se a máquina analisadora de espectros, que já existe.

Depois selecionamos um eco de mina e analisamos seus espectros em níveis diferenciados de frequência e observamos se o padrão muda. De qualquer forma obtenho resultados para cada nível de frequência diferente e isso forma uma coleção de vetores. Incluímos velocidade das águas, caminho de cardumes, temperatura do oceano... enfim, outros dados que possam interferir. Esses vetores caem no programa e seguem a rede do programa ou sua árvore algorítmica e esperamos que dê o resultado 1/0 que corresponderá sempre à mina que se quer achar. Se der 0/1 tratar-se-á de rocha.

No programa está inscrito que se for 1/0 os dados devem se provisionar em tal área. Se for 0/1 tais dados irão para outro conjunto em separado. Ao atingir um conjunto de dados adequados que corrobore a situação de 'coleção de minas descobertas', o programa deflagra a ordem 'pegá-las'.

Dai vemos que a cibernética nos traz a noção de como funciona o Humano, elevando à enésima potencia dados, capacidade de associação sináptica, estímulos, respostas, feed-backs, numa interminável cadeia de ações. Lembrar que nos computadores nós temos termináveis cadeias de ações.

O computador tem banco de dados que armazena as informações e até certo ponto são dados que não se movem. São fixos.

O banco de dados humano é móvel, interconecta-se, interliga-se, muda com a idade, muda com as perdas corporais, com ações, faz associações, pois a biologia manda que assim seja para que os processos de propriocepção mantenham o corpo humano vivo e não morto. A

propriocepção é termo usado na capacidade do corpo humano se posicionar no espaço e se reconhecer como corpo e segmentos. Evidente que tais graus de reconhecimento, do mesmo modo que os vetores para cheiro e audição ou visão, se justapõem e se ligam às ações de propriocepção e constroem o campo de auto/consciência que o Humano tem. Prefiro auto/ciência. Saber de si. A consciência, como a conhecemos na atualidade, pode não existir.

Hoje se reconhece uma lata de cerveja no fundo arenoso do mar e até se pode dizer a marca. É procedimento simples, - sonar, trabalhando com eco, - que fornece gama enorme de dados e informações. Se, com os mesmos dados, aparecerem padrões de rochas e minas que não estavam no banco, por associação em relação aos padrões já obtidos é possível buscar as minas, havendo aí certa margem de erro por ação do aparecimento do dado novo. Por ação do acaso.

O processo recomeça e os padrões de comparação, também programados, farão a discriminação. Ao longo dos milhões de anos, desde a unicelularidade dos organismos, viemos participando de processos de seleção e escolha através dos estímulos superficiais em cada célula. À medida que o processo se repete a célula vai mudando sua conformação se adequando aos estímulos ou repudiando-o. Com a mudança biológica da célula fica estabelecido, materialmente, o aprendizado.

Ratificando: uma célula tem membrana lipoproteica, digamos, duas camadas de gordura e uma de proteínas. Do jeito que está e durante 1 milhão de anos nada acontece pois a vida continua sem alterações, porém, por acaso, um dia, cai um meteoro na água, ou aparece um ganso mijador gigantesco, ou, um peixe que venha desovar naquela área, alterando a química do ambiente; a célula sofre deterioração, por exemplo; repetidas vezes ela se multiplica e morre. Pode desaparecer como inúmeras, mas como vemos que muitas, como inúmeras, sobreviveram é por que alguma sobreviveu no passado. E do passado veio.

Esta célula que sobreviveu o foi por algum motivo. Há possibilidades: 1) O ambiente voltou a ser o que era, o que é difícil de acontecer após mudanças extremas ou 2) a célula, levando mais milhões de anos se adaptou à nova situação construindo, por estímulos e acúmulos, uma nova camada proteica que a faria boiar, por exemplo, para se alimentar corretamente.

Em termos de seres que se estão organizando queremos entender que os códigos genéticos, simples, são muito mais e naturalmente mutáveis do que o dos multicelulares organizados e superprotegidos. A mudança ocorre mais facilmente e perdura até o próximo acidente.

Evidentemente o rompimento de cadeias de códigos genéticos podem gerar novos seres que nunca ali estiveram, mas isso é obra do acaso.

A mudança é o aprendizado e a nova estrutura biológica responderá aos estímulos de maneira diferente 'parecendo que há uma memória coletada e guardada'. A resposta está na biologia. É como se o Humano dissesse: - Eu sei disso por que não nasci ontem.

CONCLUSÃO

Reflitamos, só para experimentar, nas pessoas, nos seres vivos, na humanidade hoje, como sistemas fechados de energia. O acidente ou acaso é a quebra desse equilíbrio morno e escuro onde nada muda. A tendência é que se busque novamente o equilíbrio. Mas há o equilíbrio da PHÝSIS e o equilíbrio da CIVILIZAÇÃO. Há confronto e angústia e desespero. Dois equilíbrios que não se sustentam.

O sistema, no entanto, obedecerá ao princípio da Termodinâmica. Cá entre nós, num sistema criacionista, donde veio a energia para eclodir o universo? Ou terá ele vindo de um sistema que se colapsou? O sistema em que vivemos é fechado ou aberto? A construção da civilização o foi para buscar um equilíbrio imóvel e termos a ilusão de cosmos? O primeiro motor

imóvel aristotélico será possível? De onde vem a energia para fazer girar as engrenagens desse primeiro motor imóvel?

Aceitaremos alguns posicionamentos.

Não há a possibilidade de um espaço objetivo, localizado, onde se encontra a memória em si. O que parece é que o 'estado de memória' é o que existe pois o sistema biológico humano repete os estímulos que se relacionam com aqueles dados enquanto este caminho, esta árvore de procedimentos for útil para a preservação da vida. A memória é um estado.

Há proposição para manter a vida funcionando, replicando, multiplicando e preservando ao mesmo tempo em que o organismo tem informações de que em determinado momento entra em processo de anabolismo e tende à decrepitude. Na última instância todos os campos que nos fazem emocionar começam a ser destruído para que se preserve o princípio, que é a biologia do corpo. Células e músculos e funções serão minimamente preservados para manter o corpo, - não mais humano, mas um aglomerado biológico que vive; vivo, independente de suas relações culturais e aqui falamos da velhice; e as lembranças, o afeto, as emoções e sutilezas de respostas serão desconsideradas pois não valem mais coisa alguma pois a meta é preservação do corpo biológico.

Da mesma maneira: em formato de zigoto o sistema de propriocepção se vai construindo e se alimentando de vias de ação, de percepções que falam da organização corporal; no final do ciclo biológico daquele corpo o sistema de propriocepção se vai limitando aos procedimentos mais primitivos, alongando a durabilidade do aglomerado biológico sobre a terra. É possível também que não aja o aprendido, mas penas o processo de aprendizagem e suas possibilidade de reposta biológica imediata e ultra treinada. Sugerimos que certos organismos estejam mais aptos a sobreviver ou conviver contra a ação do acaso e contra a ação da ordem civilizada.

A Terra é um sistema aberto e o Sol a fonte de energia. Mas isso não foi posto ali. O sistema é o resultado de bilhões de anos e testes aleatórios. Acidentes de percurso ocorrem (acazos) e trazem instabilidade. Tais instabilidades causam estranheza na Terra e seus habitantes sofrem com isso. Ondas de calor levam à morte os mais sensíveis. Outros ganham apenas um câncer. Outros nada. O Humano tenta buscar explicações mas a aceitabilidade de participar de um sistema que pode se alterar seria o caminho inteligente. Contudo a inteligência poder ser apenas uma palavra destituída de significado. Quem se preocupa com meteorologia o faz pois estímulos que vem recebendo de seu limitado mundo o leva a aprender meteorologia e suas resposta o direcionaram nesse sentido ou a completa falta de sentido fez com que seguisse o que a sociedade mandava como uma pessoa no meio de um bolo de gente que entra no ônibus. Essa pessoa entra no ônibus mas, não o fez por que o quis. E já que ali está e ali se estabeleceu um equilíbrio, fica. Vai com o ônibus até Perdizes. Desfaz-se aqui o processo de escolha ou a intencionalidade de executar este ou aquele ato, pois tudo dependerá das informações coletadas; através da árvore neural se tornarão ações. Trata-se de responder a estímulos e cada um responderá em função da sua organização biológica. Do seu privilégio de ser assim. Muito inteligente ou propenso a câncer.

Há quem seja, ou se torne, filósofo, pois o caminho traçado em seu campo é aquele. Temos que lembrar que dentro da civilização que é o Cosmos criado pelo Humano, os espaços são limitados e o campo de escolha é menor e mais fácil. Mas é possível que não haja 'escolha' advinda do nada. Toda a escolha (outputs) vêm pela resultante de estímulos (inputs) coletados e codificados e re/associados e regulamentados. O livre-arbítrio é químera.

Assim sendo livre-arbítrio, imaginário, memória, intencionalidade são elementos do campo poético, abstrato por falta de outra palavra, e, como as orações, são inputs usados para que a perceptível desordem ou prisão

ordenada da civilização possa ser aturada e aceita até que a vida biológica ponha tudo nos eixos tornando-se barro novamente, num estentóreo retorno à PHÝSIS.

Não vai aqui nenhum pessimismo ou derrotismo apenas a constatação. E, mesmo assim, nosso organismo biológico, nosso corpo, se foi construindo e está nele a competência de responder dessa maneira. Desenvolveu-se o caminho próprio. Não fazemos nada mais do que nos está programado, mesmo que de vez em quando ocorram acidentes e acaso e que de vez em quando nós mesmos nos auto-programemos, dentro de limites; ainda assim se tratará de ação do acaso. A PHÝSIS não espera que o Humano invente um IPOD e nem que estudemos Sócrates, alterando parâmetros e standards universais da microbiologia. Talvez para a PHÝSIS bastasse os seus acidentes naturais e não as hecatombes atômicas que são acasos criados pelo Humano. Não vemos nisso nada de intenção. Nem ação de querereres ou vontades. 'Fiat voluntas tua' me parece mais um 'deixa rolar do jeito que está', do que ação intencional, que é o justo caminho da PHÝSIS mater noster e sua irmã local, a Natureza.

Concluimos que o fluxo de energia é real. Troca-se, doa-se, substitui-se o que chamamos massa/matéria/energia (em variadas formas) umas com as outras formando sistema. O início se dá com um sistema de elementos físicos que se combinam, ao longo dos bilhões de anos e junto a isso a presença da luz (no nosso caso a luz solar como fonte importante). É um período de evolução puramente química.

Citemos Churchland:

Num sistema fechado à entrada ou saída de energia externa, as combinações, de início abundantes em energia, vão gradualmente se decompondo e distribuindo sua energia entre os elementos pobres em energia até que o nível de energia seja igual por toda a parte do sistema – o sistema

atingiu, então, o estado de equilíbrio. (CHURCHLAND, página 260).

Obedecendo então a 2º Lei da Termodinâmica alcançando o estado de ordem, cosmos, - uma escuridão uniforme e indiferenciada, - dessa forma, temos de concluir, que a evolução de estruturas complexas não pode acontecer em sistemas fechados. Por isso as relações com a escrituras sagradas tendem a ser lidas no inverso. Deste estado de nada em escuridão é que nascerá a vida. E não o contrário.

Desta forma somos obrigados a pensar num fluxo contínuo de energia, num entra e sai constantemente transformando a face do abismo. Daí a importância de experiência esquemática dos pesquisadores Urey e Miller recriada num frasco de atmosfera pré-biótica (hidrogênio, metano, amônia e água). Sob descargas elétricas constantes (fluxo de energia) como se fossem raios e relâmpagos força-se o sistema a sair do "caos" inicial buscando obrigatoriamente "ordens" e complexidades. Da experiência de Urey e Miller eclodem compostos orgânicos complexos e alguns aminoácidos. Aminoácidos são unidades de moléculas que constroem a proteína. Em outras experiências as fontes de energia variavam entre luz ultravioleta, ondas de calor, ondas de choque e pressão induzindo a construção de outras substâncias complexas.

A Terra foi o campo onde a natureza executou essa experiência durante bilhões de anos. Desta forma o planeta Terra inteira foi o frasco de Urey e Miller e sofreu contínuos fluxos de energia até que, acidentalmente, tais complexos se foram juntado formando organismos, órgãos e sistemas que se preservaram pois conseguiam reagir positivamente às intempéries. Ainda assim temos esta situação: deus criando o mundo para que, segundo sua intenção, acontecesse tudo isso, ou, tudo isso aconteceu porém o Humano foi criado num estalar de dedos de deus no jardim do éden?

Fica a pergunta: pra que fazer tudo isso se bastava estalar os dedos? Para que criar? É falho o argumento de que: - era para que, - em sua infinita bondade, - o Humano experimentasse um estado que seria melhor do que seu estado inicial de não existente? Por que é que isso se insere no capítulo da infinita bondade? Por que temos que passar por essa experiência toda e alcançar o céu ou nirvana ou seja lá o que for? Já não há mais essa questão. A vida eclodiu por acaso e segue o caminho que lhe compete e não outro. Seguindo a trilha do acaso se torna muito mais fácil aceitar que o que nos aconteceu foi possível, sendo possível tantas outras oportunidades, inclusive a de vida em outros planetas em formas muito diferenciadas.

A ideia do acaso nos traz a responsabilidade de saber ou apreender que tudo depende somente de nós, Humanos, sendo, portanto, uma trilha de pensamento muito positiva e em nada negativista. Saímos da situação de filhos de um pai que nos protege, - contra o que?, - para percebermos que somos os únicos que devemos nos proteger e agir e modificar, aí sim, para criar a situação de Bem/Estar. Hoje, sob o apoio dos céus, destruimos a natureza e o campo da PHÝSIS se vai decompondo em torno de nós, impedindo que o fluxo de energia siga seu caminho impondo a ele outros fluxos não continentais no tecido isocórico do universo como a bomba de hidrogênio numa atmosfera que nem agüenta excesso de carbono.

Então se forma um sistema semi-fechado e a isso chamamos de sistema vivo. Os sistemas vivos diferem dos que chamamos não/vivos por questão de grau. E na questão da inteligência, terá todo sistema que explorar tanto as informações que ele recebe quanto as informações que ele mesmo cria em resposta, incluindo o fluxo de energia/matéria que passa por ele, que o atravessa, que interage com ele.

A vida inteligente ainda é vida (o cérebro em repouso consome 20% da energia corporal) com alta intensidade termodinâmica pois trata-se de sistema semi-fechado. Havendo energia/matéria e tempo à disposição

(eternidade), o fenômeno da vida e o fenômeno da inteligência são produtos naturais do universo.

Somos donos de uma grande diversidade de processos internos. Temos mecanismos inatos que discernem e selecionam sobre esses estados internos. Temos acesso limitado a esses processos internos. Não podemos controlar e interromper os batimentos cardíacos (o iogue pode, mas, tratamos aqui de situação normal), pois há perigo de morte. O corpo humano se auto/regula e auto/protege.

Exemplo do maestro e seu poder de discriminação. Esse mesmo maestro quando criança ao ouvir uma Bachiana do Villa-Lobos percebe ou responde àquilo como se fosse um tecido de uma única voz. Aos 40 anos o maestro, já bem treinado, sabe discernir a variedade de vozes da orquestra, entre tessitura, texturas, timbres, expressões e outras tantas nuances da apresentação musical. Mais até do que a maioria das pessoas. É evidente que as respostas a esses estímulos é bem diferente das respostas da criança e da maioria das pessoas não avessa a esse tipo de música.

O provador de vinhos é outro exemplo interessante de alinhamento às especificidades. Ou o pintor de quadros. Ou ainda a astrônoma com peculiaridade na observação dos céus. Há nesses exemplos arcabouços de sabedoria que compreendem amplo domínio sensorial, além do que a maioria pode imaginar em sua vã filosofia.

A aplicação disso na cultura, na construção das paisagens humanas, na ampliação da riqueza e heranças estéticas é indiscutível. O contraponto disso é que há similaridades nos avanços militaristas e na tecnologia de destruição e lá também há as inteligências específicas.

Não é por que há inteligência, - ou o que pensamos que isso seja, - que há o Bem.

As discriminações introspectivas são aprendidas lentamente. Passo a passo com a construção do corpo em zigoto até a formação do corpo adulto.

Há momentos que há reação externada e outras não. Mas são iguais em termos de elaboração introspectiva.

Finalizamos citando Churchland,

"Se os exemplos do regente de orquestra, do provador de vinhos, e da astrônoma nos oferecem um paralelo apropriado, o aprimoramento de nossa visão introspectiva seria algo como uma revelação. O consumo de glicose no cérebro anterior, os níveis de dopamina no tálamo, os vetores de codificação nas rotas neurais específicas, as ressonâncias na enésima camada da córtex peristriatal, e um número incontável de outras sutilezas neurofisiológicas e neurofuncionais poderiam passar para o foco objetivo de nossa discriminação introspectiva e de nossa re/cognição conceitual, da mesma forma que os acordes Sol menor com 7º e de Lá com 7º e 9º aumentada passam para o foco objetivo da discriminação auditiva e da re/cognição conceitual de um músico treinado. (CHURCHLAND, página 278)."

Tudo será sempre uma questão de treino, de domesticação, de apreensão, de captação de informações, processamento de dados, auto/processamento, propriocepção sensorial, resposta muito rápida, processos acelerados de respostas e interação com o ambiente natural, com o ambiente interno, fenotipia, auto/regulação em função da seleção natural, ou seja, ação convergindo para preservação da vida, desde que se mantenha o equilíbrio dentro do campo da PHÝSIS.

No entanto esse resultado foi atingido, por acaso, em função do desequilíbrio que o organismo humano veio causando na Natureza, após se ver autônomo em determinadas ações. A busca pelo estado de equilíbrio na pretensão de repetir o que lhe ia programado no código genético, interagindo com o fluxo e refluxo de energia/matéria levaram a novas formas e estruturas humanas que construíram a civilização, - o câncer no interior da PHÝSIS. Uma glória para a vaidade humana.

O que o ser humano é hoje é a resposta viva aos estímulos que veio recebendo ao longo da existência. Não é produto acabado pois isso não existe nem existirá. O DEVIR sugere constância nas alternâncias, e não há situação de estado absoluto, nem perfeito.

Por mais que queiramos dotar o Humano de consciência concluímos que ele não sabe o que faz, ó pai, apenas reage aos estímulos que recebe. A construção da civilização e a capacidade de observar, que é a capacidade de receber novos estímulos, lhe demonstra a existência de mais um arcabouço dentre tantos e que lhe é padrão. O de que ele reflete (reage) sobre isso tudo para sempre.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, **Metafísica**. Editora Globo de Porto Alegre, Biblioteca dos Séculos, tradução de Leonel Valandro, 1969.
- CHURCHLAND, Paul M. (1942 -). **Matéria e consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente**. Tradução Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- DELEUZE, G. – **Diferença e Repetição**, Editora Graal, 2º edição, 2009
- FREUD, S. Edição Standard Brasileira, **As pulsões e suas vicissitudes**, volumes XIV Imago, Rio de Janeiro. 1972-80
- GARCIA-ROZA, Luis Alfredo, (1936 -). **Acaso e repetição e, psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR Ed, 1986.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses; [Estudo e Tradução de JAA TORRANO]. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- MENDONÇA, Marinella Morgana de. **As incidências da repetição no corpo, pela via da dor**. Psyche (Sao Paulo), Dez 2008, vol.12, no.23, p.0-0. ISSN 1415-1138